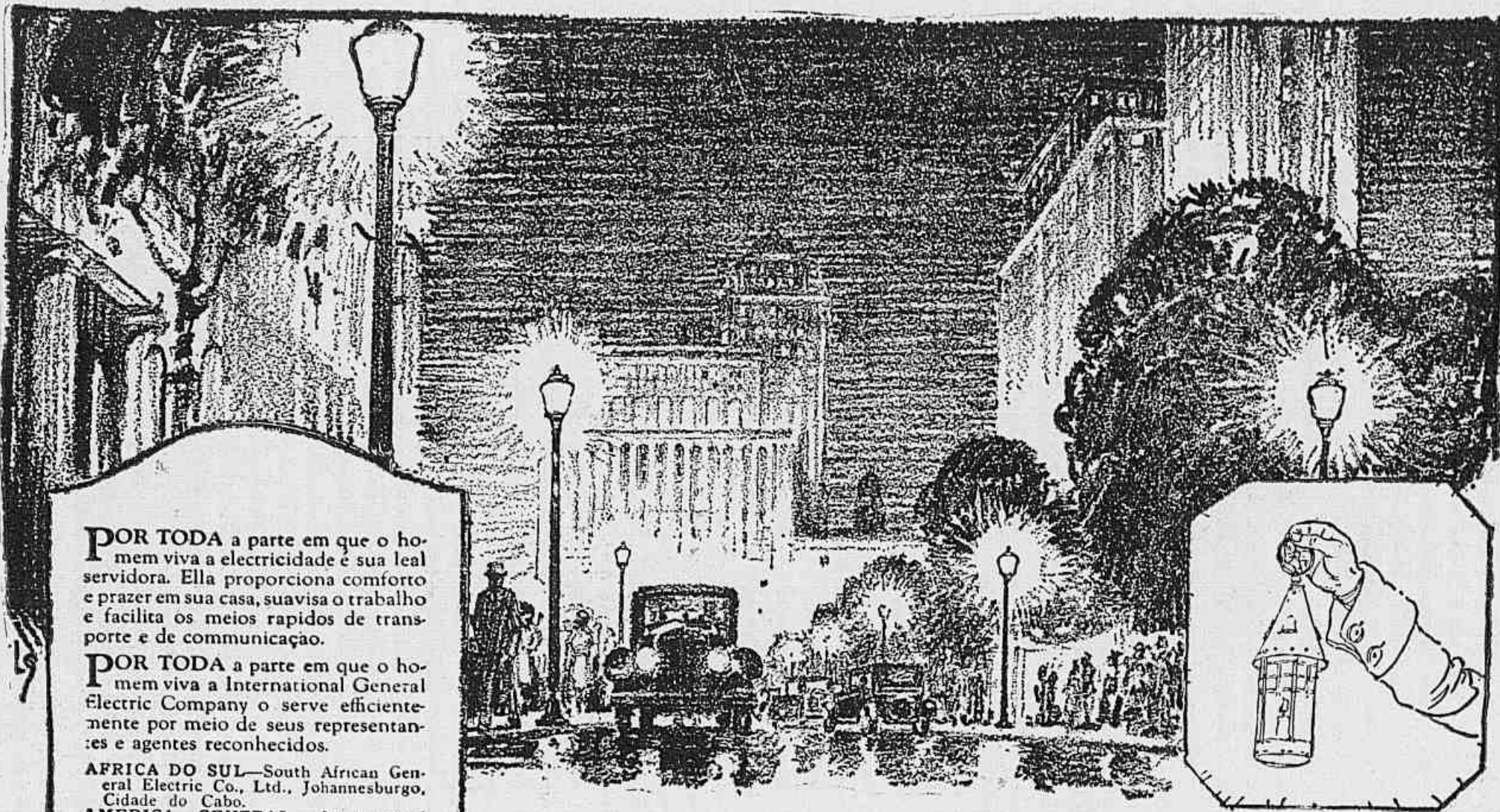
REVISTA DA SEMANA

ANNO XXVII -- N. 15

3 de Abril de 1926

POR TODA a parte em que o homem viva a electricidade é sua leal servidora. Ella proporciona comforto e prazer em sua casa, suavisa o trabalho e facilita os meios rapidos de transporte e de communicaçao.

POR TODA a parte em que o homem viva a International General Electric Company o serve efficientemente por meio de seus representantes e agentes reconhecidos.

AFRICA DO SUL—South African General Electric Co., Ltd., Johannesburgo, Cidade do Cabo.
AMERICA CENTRAL—International General Electric Company, Inc., Nova Orleans, La., E. U. A.
ARGENTINA—General Electric, S.A., Buenos Aires, Rosario de Santa Fé, Tucumán.
AUSTRALIA—Australian General Electric Co., Ltd., Sydney, Melbourne, Brisbane, Adelaide.
BRAZIL—General Electric, S.A., Rio de Janeiro, São Paulo.
CHILE—International Machinery Co., Santiago, Antofagasta, Valparaiso, Nitrate Agencies, Ltd., Iquique.
CHINA—Andersen, Meyer & Co., Ltd., Shangai.
COLOMBIA—Wesselhoeft & Poor, Barranquilla, Bogotá, Medellín.
CUBA—General Electric Company of Cuba, Havana, Santiago.
EGYPTO—British Thomson Houston Co., Ltd., Cairo.
EQUADOR—Guayaquil Agencies Co., Guayaquil.
GRAN BRETANHA e IRLANDA—International General Electric Co., Inc., Londres.
GRECIA e SUAS COLONIAS—Compagnie Française Thomson-Houston, Paris, França.
HESPANHA e SUAS COLONIAS—Sociedad Ibérica de Construcciones Eléctricas, Madrid, Barcelona, Bilbao.
HOLLANDA—Mijnssen & Co., Amsterdam.
ILHAS PHILIPPINAS—Pacific Commercial Co., Manila.
INDIA—International General Electric Co., Inc., Calcuttá, Bombaim, Bangalore.
INDIAS HOLLANDEZAS—International General Electric Co., Inc., Soerabaia, Java.
JAPÃO—International General Electric Co., Inc., Tokio, Osaka.
MEXICO—General Electric, S.A., Mexico (D.F.), Guadalajara, Monterrey, Tampico, Veracruz, El Paso (Texas).
NOVA ZELANDIA—National Electrical & Engineering Co., Ltd., Wellington, Auckland, Dunedin, Christchurch.
PARAGUAY—General Electric, S.A., Buenos Aires, Argentina.
PERU—W. R. Grace & Co., Lima.
PORTO RICO—International General Electric Co., Inc., San Juan.
PORTUGAL e SUAS COLONIAS—Sociedade Iberica de Construcções Electricas, Lda., Lisbôa.
SUISSA—Trolliet Frères, Genebra.
URUGUAY—General Electric, S.A., Montevideo.
VENEZUELA—Wesselhoeft & Poor, Caracas.

FABRICAS ASSOCIADAS

BELGICA e SUAS COLONIAS—Société d'Electricité et de Mécanique, S.A., Bruxellas.
CHINA—China General Edison Co., Shangai.
FRANÇA e SUAS COLONIAS—Compagnie Française Thomson-Houston, Paris.
GRAN BRETANHA e IRLANDA—British Thomson-Houston Co., Ltd., Rugby, Inglaterra.
ITALIA e SUAS COLONIAS—Compagnia Generale di Elettricità, Milão.
JAPÃO—Shibaura Engineering Works, Tokio, Tokyo Electric Co., Kawasaki, Kanagawa-Ken.

Illuminacão publica appropriada

EM todas as partes do mundo civilisado uma illuminação publica, adequada e propria, é hoje reconhecida como uma necessidade imperativa. Em ruas, praças, pontes e estradas é absolutamente essencial para garantir o livre transito, segurança e conveniencia do publico. Uma perfeita illuminação facilita o commercio, evita os accidentes e faz emfim uma melhor cidade.

Os representantes da International General Electric Company teem feito innumeras installações modernas de illuminação publica por todas as partes do mundo.

Para os boulevards e avenidas de grande transito, para os escriptorios e estabelecimentos fabris e em geral para todos os lugares que a requerem, a International General Electric Company está apparelhada para projectar e installar por intermedio dos seus engenheiros peritos e especialistas o equipamento electrico necessario para a melhor e mais appropriada illuminação.

Int.-4-26

GENERAL ELECTRIC

INTERNATIONAL GENERAL ELECTRIC CO., INC., SCHENECTADY, NOVA YORK, E.U.A.

A decana das Revistas nacionaes

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911

Propriedade da Companhia Editora Americana

Praça Olavo Bilac, 12 e 14 --- Rua Buenos Aires, 103

RIO DE JANEIRO

TELEPHONES Redacção e Administração, N 3660 Directoria, Norte 112

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA

Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO

DIRECTOR-RESPONSAVEL.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Por série de 52 numeros (1 anno) 50$000

6 mezes.. 26$000
Estrang... 65$000
Avulso... 1$200
Atrazado. 1$500

Agentes em França: DAVIGNON, BOURDET & CIE. (Antes L. MAYENCE & CIE.) 9, Rue Tronchet—PARIS

ESTA REVISTA TEM 44 PAGINAS

ANNO XXVII || Rio de Janeiro, 3 de Abril de 1926 || NUMERO 15

As de smoking

por Clara Lucia

Um grande costureiro acaba de lançar a moda do smoking. E' de certo uma bella ideia. Bella, do ponto de vista pratico. Do ponto de vista da belleza propriamente dita, a mim, pelo menos, não me enthusiasmou...

A minha primeira impressão, ao deparar-se-me, numa revista, um retrato de mulher assim vestida, foi não duma toilette mas dum uniforme. Pareceu-me uma photographia de quadro de formatura, sem o barrete. E, como agora se fazem desses quadros para toda a sorte de cursos e officios, a propria falta do barrete me pareceu natural porque logo imaginei, em vez duma doutoranda ou uma bacharelanda, qualquer coisa como uma obstetricolanda, uma dactilographanda ou mesmo — pois que neologismos destes por ahi estão surgindo a cada momento e todos são tomados a sério — uma manucurolanda.

Não ha negar, em honra do inventor ou, antes, do introductor desta moda no vestuario feminino, que ella constitue, nos agitados, precipitados tempos em que vivemos, uma apreciavel commodidade. Inquestionavelmente, as mulheres perdem tempos infinitos com a toilette. Dá mais trabalho e maior preocupação a uma elegante acompanhar os figurinos do que a um financista acompanhar as cotações da Bolsa. A Moda oscilla muito mais que o Cambio. E todos os calculos e previsões a que um banqueiro é obrigado para organizar um grande negocio nada são de certo, comparados ás combinações, variantes, misturas, cambiantes e complicações que passam pela cabeça da mulher, ao decidir a côr e o feitio do mais simples vestido!

Ora, a certas mulheres já emancipadas doutros preconceitos femininos e que só se não libertavam daquella escravidão porque não podiam, vem o smoking offerecer a mais ditosa solução. Com o smoking e a casaca que fatalmente se lhe virá juntar na indumentaria feminina, acabam as indecisões, a lucta formidavel da escolha; desapparece o problema terrivel dos tons que vão ou não vão com a pelle, a estatura e o ar da pessoa; supprimem-se as discussões com a costureira, sempre pretenciosa, dogmatica e de mau humor porque a cliente lhe não acceita incondicionalmente as sugestões disparatadas; cessa a tragedia da hesitação entre o vestido menos tentador mas accessivel e o verdadeiramente bello, mas caro de mais: e nenhuma mulher chegará escandalosamente tarde a um jantar, por ter ficado hora e meia diante do guarda-vestidos, pegando ora num ora noutro, ajustando-os successivamente ao corpo diante do espelho, cada vez mais irritada com a voz do marido que, do outro aposento, lhe observa como as horas passam e de quantos minutos é já o atrazo; cada vez mais afflicta porque ha naquelle dia qualquer coisa que não assenta "não dá certo" — e tudo isso para que? Para no fim enfiar em dois tempos, atagalhadando tudo, o vestido que, um minuto depois, no automovel, fatalmente lhe ha de parecer o peor da collecção!

Todos esses inconvenientes vão, como por encanto, desapparecer. E' um allivio, um resgate, uma salvação. E, todavia, valerá bem a pena adoptar esse trajo providencial? Haverá realmente vantagem em trocar a toilette que tanto nos atrapalha e atormenta a existencia por essa especie de uniforme que tudo vem simplificar? Com elle, o homem aniquilou, supprimiu a feição exterior da sua individualidade. Ha muito que o chamado sexo forte vinha reduzindo e esbatendo, no seu vestuario, as expressões do caracter, do sentimento, do gosto e da disposição de cada dia. Como se afastava dos córtes imaginosos, da variedade e capricho dos ornatos, assim evitava a denuncia positiva da côr, procurando as meias-côres, as gradações do castanho e do cinzento que, de tanto se attenuar, se neutralizam e se confundem, as tonalidades do verde azeitona e do azul profundo que de noite e mesmo de dia, á sombra, parecem preto. Além de achatar, vulgarisar os feitios, recorria a todas as evasivas e todos os subterfugios da *nuance*... Uma coisa, porém, resistia a essa evolução hypocrita. Era a gravata. A gravata mantinha as suas regalias de apuro technico, de graça inventiva, de significação moral. Mesmo depois que deixou de custar uma fortuna e de encher o peito, limitada e empobrecida na sua trajectoria da renda subtil até á seda commum e o retroz banal, do plastron extravasante até á fita mais esguia, incondicionalmente mantinha e ostentava a prerogativa da Côr. Por essa particularidade, esse privilegio ella constituia, na apagada monotonia da indumentaria masculina, a nota vibrante, espirituosa, independente, pessoal. Um dia, porém, veio a casaca e intransigentemente impoz que a gravata fosse de lacinho e branca; depois o smoking, com o mesmo imperio irresistivel, ordenou que ella ficasse sendo preta. Preta ou branca, a gravata succumbia. Era como se a uma creatura humana houvessem roubado a alma. Desde esse dia, os homens passaram a trazer ao pescoço, nos dias solemnes ou especialmente festivos, uma coisa morta. E é esse cadaver que nós... quero dizer que vós, mulheres da moda, haveis de usar!

Torno a recordar os quadros de formatura e a sensação que sempre tenho, ao olhal-os, de estar deante de cincoenta ou cem moços intelligentes, cultos, esforçados, já victoriosos — mas todos eguaes. Emfim, são homens. Nós, porém, amigas minhas, todas de smoking! Não, com franqueza, para assim nos annularmos na uniformidade, para renunciarmos a toda a garridice, toda a vaidade, toda a fantasia, não valeu realmente a pena ter nos Deus feito mulheres!

Clara Lucia

No Polo Norte

Conto de Gabriel Lautrec

— Ao Polo Norte, Tom Joe?

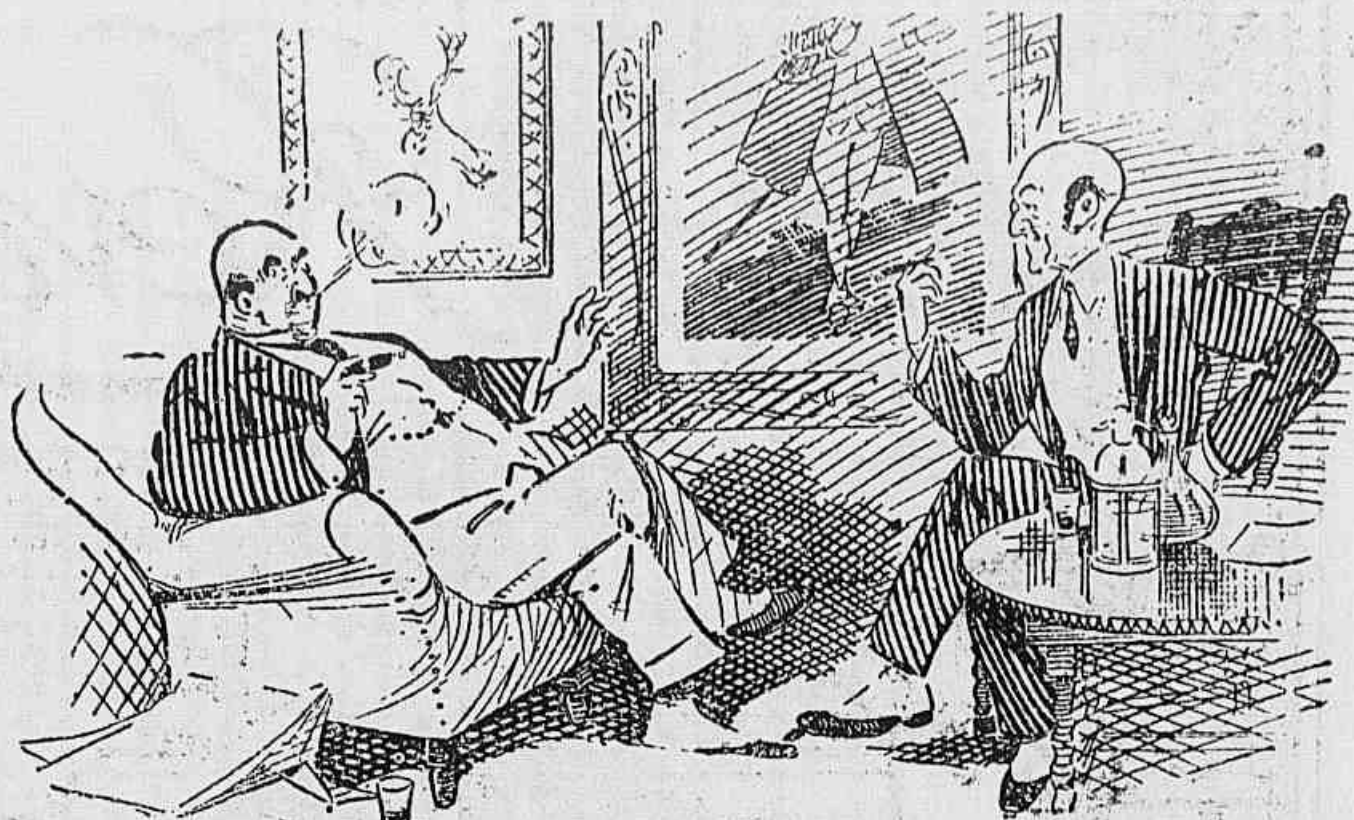
— E então? Por que não havia eu de ir ao Polo Norte, como toda a gente? Aqui ha alguns annos, possuiu-me um raro e ardente enthusiasmo pela Astronomia. E' uma sciencia encantadora. Como, porém, eu gosto de começar as coisas pelo principio e como tinha ouvido dizer que a Astronomia era a sciencia dos astros, reflecti sobre o caso e cheguei á conclusão de que me cumpria observar a propria Terra, tanto mais que a tinha debaixo da mão...

— Ou, antes, debaixo dos pés.

— Perfeitamente.

E Tom Joe, tendo puxado o cigarro e tomado outras medidas preventivas para uma longa dissertação, principiou:

"Quando eu chegar a conhecer bem a Terra — disse commigo — passarei a occupar-me da Lua e depois, successivamente, de cada um dos astros mais ou menos importantes, pela ordem das dimensões, da antiguidade ou mesmo pela ordem alphabetica.

Atirei-me então a estudar os eixos e os parallaxes, os zodiacos, os equadores e toda essa tropa fandanga. Um dia, tive casualmente noticia, por um almanaque, de que o Meridiano passava por Paris. Resolvi visital-o logo no dia da chegada — mesmo porque podia elle seguir viagem no mesmo dia e assim eu perdia a occasião de ver tal figurão. Dirigi-me, por isso, á Repartição Geral das Longitudes, esperando ter ensejo de travar relações com varias dellas e tambem, se possivel, com algumas Latitudes...

Chegado, porém, a esse estabelecimento astronomico e tendo explicado ao porteiro o fim da visita, eis que elle desata a rir, a rir como um perdido. Não sei realmente que graça o diabo do homem poderia ter achado na minha pregunta. Provavelmente, estava embriagado. E só alguns minutos depois, dominado emfim o extranho accesso de hilaridade, elle me explicou que os Meridianos quasi nunca iam á Repartição.

O de Paris por exemplo — acrescentou elle — ha muitas semanas, mezes talvez, por lá não aparecia. E tinham até sido obrigados a substituil-o pelo Meridiano de Greenwich. Este, sim, era quasi impeccavelmente pontual. Apenas, por infelicidade minha, acabava justamente de sahir quando eu chegava...

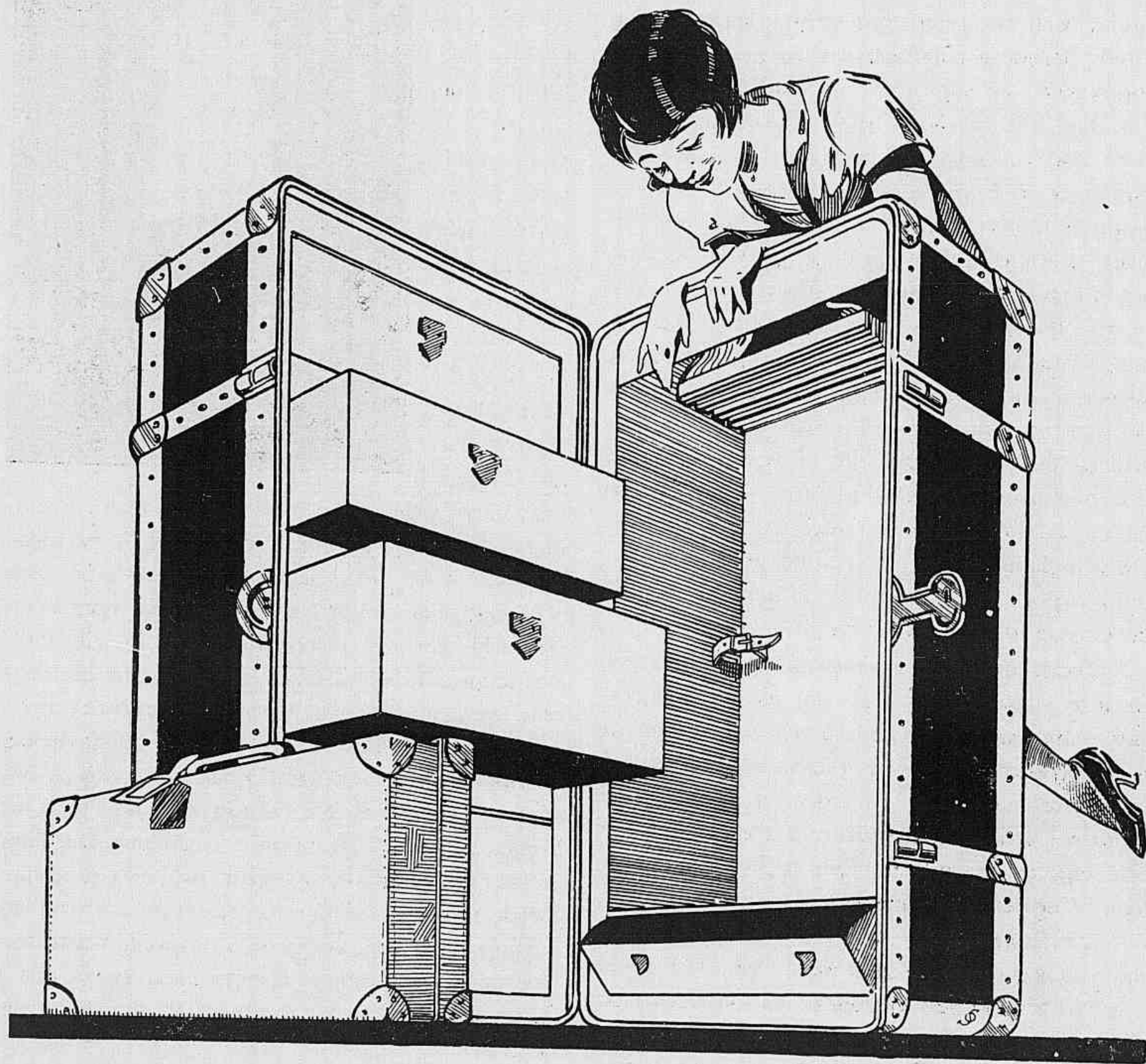
Em vista dessa falta de sorte em relação aos elementos officiaes, resolvi ir ao Polo Norte, valendo-me das proprias habilidades, sem auxilio ou orientação de ninguem.

Estavamos então em agosto. Fazia um tempo esplendido. Era a quadra mais propicia ao meu emprehendimento.

Comprei algumas roupas de meia estação, um sextante, um astrolabio e um thermometro. Este thermometro era dos maiores, talvez o maior que tenho visto. Media 2m,40 de comprimento por 0,m60 de largura.

Algumas semanas após a minha partida de Paris, achava-me no Spitzberg. Era o ponto terminal da estrada de ferro. Desembarquei portanto do trem e, equipando-me para as seguintes viagens, comprei dois trenós, trinta cães e seis esquimós.

Tinha assignalado com toda a possivel exac-

tidão, no mappa, o logar onde devia estar o Polo; e graças ás indicações do astrolabio para lá me dirigi, em linha recta.

Omitto varios incidentes por me parecerem, dada a natureza desta narrativa, sem maior interesse. Bastará dizer que numa segunda feira — dia em que, como você sabe, os açougueiros não fornecem carne — nos esquecemos, por uma destas fatalidades que não se explicam, de comprar peixe e tivemos por isso de comer um esquimó. Aliás deixe-me dizer-lhe de passagem que os esquimós, convenientemente preparados, não são nada maus...

Cheg'mos finalmente ao Polo ou, para melhor dizer, ao logar onde elle devia estar. Pois meu caro talvez você lhe custe acreditar, como me custaria a mim se outra pessoa me contasse, mas... o Polo não estava lá!

Por alli fóra, estendia-se uma immensa planicie de gelos, sem a menor particularidade astronomica. Tornei a verificar os meus calculos. Estavam absolutamente certos. Era alli mesmo que devia estar o Polo. Como explicar, portanto, a sua ausencia? De cogitação em cogitação e examinando minuciosamente as visinhanças do local, reparei num poste, no qual havia um letreiro. Aproximei-me... E imagine o amigo o meu espanto, ao dar com este aviso em inglez:

"Durante o rigor da estação calmosa, o Polo só sáe á noite"!

Que sorte a minha hein? Não me restava outro recurso senão o de lá voltar durante o inverno!

Além disso, os meus esquimós começavam a não andar nada contentes. Já diversas vezes eu os tinha surprehendido piscando o olho uns aos outros, trocando signaes ainda mais suspeitos, de cumplicidade... Era certo que preparavam a *grève*.

Com muita cautella e muitas promessas, consegui no emtanto que ficassem mais alguns dias, emquanto eu procedia a observações meteorologicas. Aproveitei esses dias para visitar as redondezas, ainda na esperança de me encontrar com o Polo. Elle, porém, resolvera não sahir e não sahia nem á mão de Deus Padre. Oh, sujeito cabeçudo!

Em compensação, descobrimos uma gruta, absolutamente occulta sob as mais gigantescas lianas que você possa imaginar e que desde as épocas prehistoricas não era visitada por ninguem. Tivemos plena certeza disso, assim que entrámos. Alli encontrámos uma collecção de animaes antediluvianos que é, sem duvida, a mais notavel que a olhos de homem de sciencia já foi dado examinar. Entre outros monstros de primeira grandeza, lá estavam cinco ou seis mammouths, admiravelmente conservados — muito melhor, com certeza, do que se estivessem em alcool — tres dinosaurios, uma immensa Moratoria...

***

— Moratoria, Tom Joe?

— Sim, uma authentica Moratoria, sem lhe faltar uma penna sequer! Como você deve suppor, apressei-me a encaixotar todos aquellas preciosidades e a envial-as para o museu de Chicago. Essa collecção unica occupa actualmente uma série de *vitrines* com o letreiro "Doação do Sr. Tom Joe". Basta isto para me consolar do insuccesso da minha expedição, quanto ao objecto que a determinara. Tanto mais que, na mesma situação onde encontrámos aquelle jardim zoologico antediluviano, por uma casualidade unica na historia e até na geographia, pudemos observar o phenomeno mais curioso da minha já tão longa carreira archeologica...

— Que phenomeno, Tom Joe?

— A' entrada da gruta, no meio dos gellos polares, existe um soberbo manancial de agua quente...

— Quente, disse você?!...

— Quentissima! Tão quente que os homens aparavam algumas gotas nos cachimbos e os cachimbos se accendiam!

Pelo Mundo Fora

A CATHEDRAL DE MALINES

A bella cathedral gothica na qual recentemente foi deposto o corpo do Cardeal Mercier, devia ter, caso se executassem á risca os primitivos planos do architecto, a mais alta flecha do mundo. Essa flecha elevar-se-ia a 176m,60 — excedendo assim em 6m,60 a da cathedral de Ulm que, entre os campanarios, mantem o record da altura. Tendo, porém, faltado os capitaes, foi forçoso desistir do plano traçado e a torre ficou com 97 metros de altura.

Felizmente, não houve necessidade de se fazerem economias quando se tratou do corrilhão. O canto dos sinos é a gloria da Flandres; e o de Malines solta harmonias tão suaves e enlevadoras que, ha muitos seculos, seria sem rival, se não existisse, e alli bem perto, o incomparavel carrilhão de Bruges.

A PALMEIRA DE ASSUCAR

Ao que dizem os jornaes inglezes, a ilha de Borneo vae se tornar um novo manancial de producção assucareira.

A palmeira Nipa, que cresce em grande quantidade ás margens dos rios da Ilha, possue um sumo intensamente assucarado e que para as tribus indigenas constitue um verdadeiro nectar. Basta dar um córte na casca da palmeira para colher consideravel quantidade daquelle sumo que contém 15% de assucar. E este pode perfeitamente ser transformado em alcool.

Os inglezes resolveram iniciar em grande escala a exploração das florestas de palmeiras Nita que existem na Bornéo britannica.

A TURQUIA MODERNIZADA

O governador da provincia de Constantinopla acaba de tomar medidas perfeitamente draconianas contra os costumes tão pittorescos quão dispendiosos até agora observados nos casamentos turcos.

Conforme essas medidas, é prohibido conduzir com grande pompa a noiva á presença do noivo ou fazel-a seguir de mais de quatro carros com convidados.

E' prohibido prolongar por mais de um dia as festas dos esponsaes. Até agora, o pae da noiva mantinha a casa aberta e a mesa fartamente servida não só para os convidados como para qualquer transeunte — e isso, ás vezes, uma semana inteira. A nova lei estabelece que só a familia e os amigos formalmente convidados tomem parte na festa.

E finalmente o artigo de lei mais triste para o noivo: são prohibidos os presentes de casamento.

Essas medidas têm por fim restringir as despezas, neste momento de penuria nacional, e tambem facilitar o mais possivel os casamentos.

AS RENDAS DE MARIA LUIZA

O acaso das heranças e das vendas faz com que certos objectos vão ter a paizes onde ninguem contaria encontral-os. Assim recentemente se encontrava em Londres, onde ia ser vendida em leilão, uma admiravel guarnição de leito em renda de Alençon, presente de Napoleão a Maria Luiza, por occasião do casamento do Imperador com a Archiduqueza austriaca. Esse especime, que passa por ser o maior e mais bello que existe, é avaliado em muitas mil libras.

O leito ao qual aquella guarnição foi destinada está na Malmaison. Considera-se provavel que ella tenha sido primeiramente destinada á imperatriz Josefina, porque uma peça de

tal belleza e taes dimensões deve ter levado muitos annos de trabalho empregando-se nella todas as operarias do districto de Alençon. E com certeza a obra prima não estava concluida quando as considerações de ordem politica começaram a mudar as ideias do Imperador sobre o seu caso matrimonial.

A guarnição inteira compõe-se dum "céo", uma colcha e duas cortinas que medem 3 metros por 2½. A renda é semeada de abelhas imperiaes e aos cantos de cada peça ha a coroa de Napoleão. Pelas bordas, corre uma fila de lyrios de França. E o preço dessas rendas deve ter sido, naquella epoca, verdadeiramente fabuloso, apezar dos "salarios de fome" que então vigoravam.

UM INCENDIO NUM ARRANHA-CEO

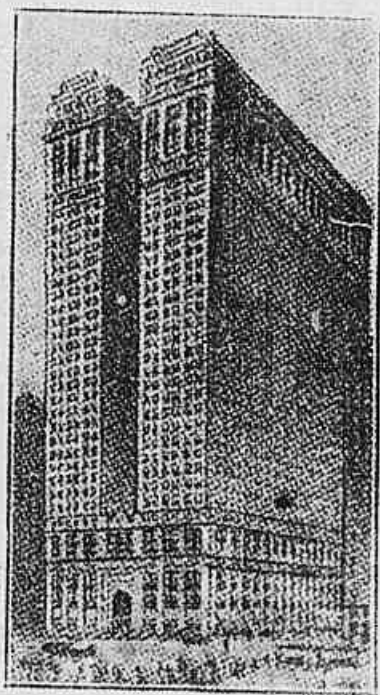
Em meiados do mez passado declarou-se incendio, logo de manhã cedo, num dos mais altos arranhacéos de Nova York, o edificio da "Equitable". Os prejuizos foram calculados em 60.000 dollares. Não houve mortes a lamentar, mas quinze bombeiros, abatidos pelo fumo e o calor, tiveram que ser transportados para o hospital.

O "Equitable Building" está situado na parte baixa de Broadway. Conta 40

andares e mede 165 metros de altura. A multidão que de todos os pontos acudiu, curiosa dos pormenores do sinistro, assistiu, impressionadissima, ao salvamento de dois homens que se encontravam no alto do edificio e haviam sido obrigados a refugiar-se numa estreita cornija, do lado de fóra duma janella.

Quatro bombeiros, isolados pelo fumo e as chammas a 150 metros da rua, foram salvos em condições realmente sensacionaes. Dum andar inferior, os seus camaradas levantaram contra a fachada do edificio uma escada infelizmente curta de mais para chegar onde os quatro esperavam que os salvassem. Então, um dos bombeiros, collocou a escada sobre os hombros e foi por essa escada que os quatro homens puderam effectuar a descida.

O fogo originou-se no sub solo e subiu para o compartimento dos conductores de agua e dos fios electricos. Dado o alarme, foram fechadas todas as portas de acção contra incendio. As do 35° andar, porém, não funccionaram e as chammas invadiram os escriptorios occupados pela empreza Guggenheim.

Quando os bombeiros chegaram, com a habitual e maravilhosa presteza, foram retardados por cerca de vinte serventes-mulheres que naquella hora procediam á limpeza dos escriptorios e

que se precipitaram para sahir.

O Equitable Building, já destruido, por um incendio, foi reedificado em 1915. E' não sómente um dos mais altos mas tambem dos mais bellos edificios do genero que existem na grande cidade americana. A sua construcção custou 30 milhões de dollares.

LADISLAS REYMONT

Falleceu recentemente o mais illustre dos romancistas polacos do nosso tempo: Ladislas Reymont.

As suas obras mais conhecidas fóra da Polonia são: No paiz do Knout; Justiça; Outono; Inverno. *Na obra consideravel de Ladislas Reymont figura uma epopéa:* Chlopé *(camponias). As noticias e criticas escriptos a proposito da morte de Ladislas Reymont terão provavelmente como resultado a publicação das suas obras completas em francez.*

A FELICIDADE NO MATRIMONIO

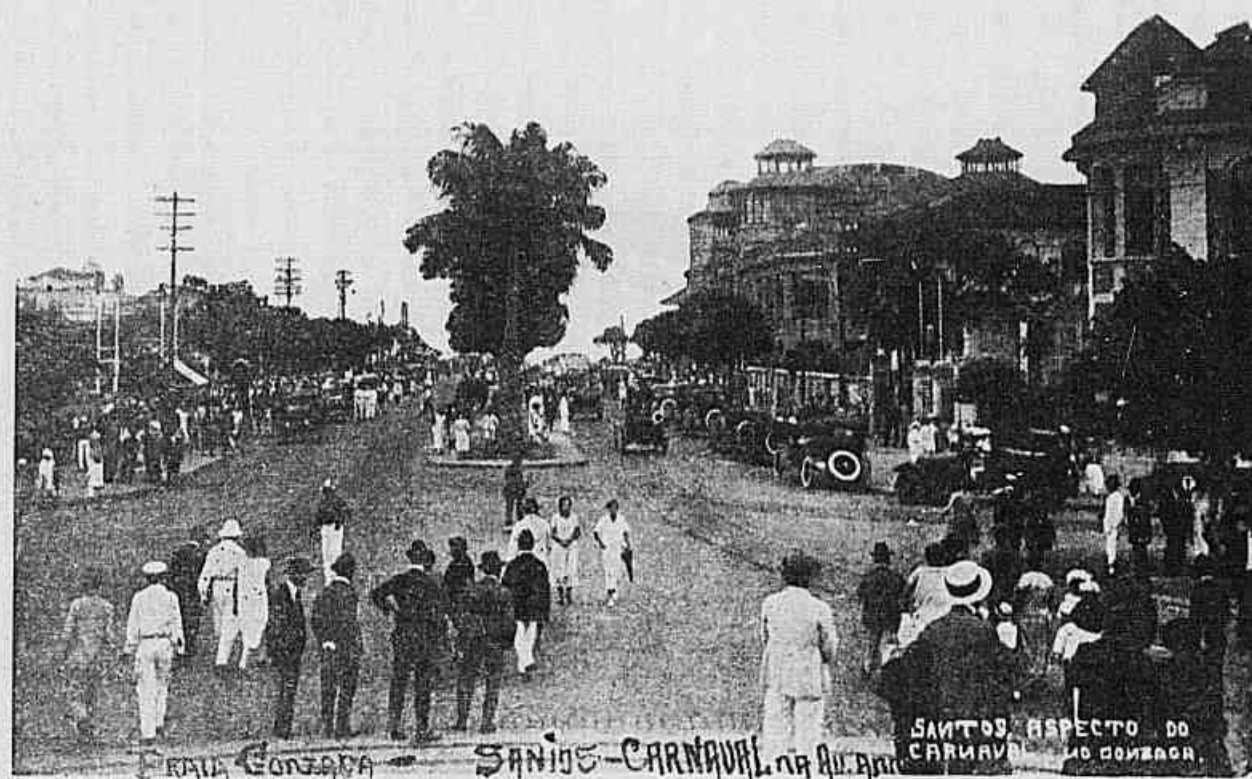
Num grande casamento recentemente realisado em Genebra, foi distribuida aos convidados esta "receita":

"Ponham na caçarola muita paciencia e perserverança, com a mesma dose de bom humor e boa vontade.

Escumem cuidadosamente para tirar fóra o egoismo, a preguiça e o desleixo.

Deixem "apurar" longamente.

E assim cozinharão o prato da "Felicidade".

AS PRAIAS SANTISTAS teem soffrido uma reforma notavel durante os ultimos annos. As melhoras teem sido mais de notar na praia do Gonzaga, onde se erguem varios palacios elegantes para hospedarem os milhares de turistas que para alli affluem nas estações dos banhos, pois Santos tem agora duas estações para banhos de mar: a temporada dos Santistas que é no verão e a dos Paulistas que é durante o inverno. As nossas photographias mostram o magnifico e aristocratico edificio do Theatro Casino Parque Balneario, propriedade dos Srs. V. Fernandes & C., que muito tem concorrido para o melhoramento das praias de Santos, e um aspecto da Praia do Gonzaga, photographia tirada durante o ultimo carnaval.

CABELLOS DE NAPOLEÃO

Em Fevereiro ultimo, realisou-se em Londres um leilão de preciosidades, de que fazia parte um medalhão de ouro, oval, contendo cabellos de Napoleão. Acompanhava o medalhão, dentro do mesmo cofre, um certificado com a assignatura de John Wilson Croker, politico illustre que viveu em Londres de 1780 a 1857. Foi Talleyrand que confiou a reliquia em questão a lord Londonderry, o qual a passou a John Wilson Croker.

No mesmo leilão foram vendidos objectos que haviam pertencido á familia Stuart e entre elles um par de ligas em fio de seda e ouro usado pelo rei Carlos I.

Oswaldo Teixeira, o joven e brilhante pintor patricio, premio de viagem da Escola de Bellas Artes, em Florença, na «Fonte de Neptuno», junto de um fauno de Jean Bologna.

Uma descida, a 40 kilometros, nos gelos da Italia, pelos nossos patricios José e Affonso Segreto.

Somente os automoveis Dodge Brothers são praticos no Deserto de Gobi

O Dr. Roy Chapman Andrews, famoso scientista, está agora conduzindo a sua quarta expedição ao Deserto de Gobi, no Norte da China.

O Deserto de Gobi é arenoso, rochoso e de difficil accesso, quasi que intransitavel em muitos pontos, mesmo para camellos, quanto mais para automoveis.

Em determinados lugares o Dr. Andrews usou varias e bem conhecidas marcas de automoveis, inclusive Dodges. Este anno elle está usando exclusivamente automoveis Dodge Brothers -- um dos mais impressionantes tributos que se pode render a um automovel.

"E' o unico automovel que resiste a esta prova", disse o Dr. Andrews. O anno passado, nossos automoveis Dodge cobriram 5.000 milhas em regiões onde não existem estradas, e sem reparos; por fim, vendemol-os mais caro do que nos haviam custado. Os Dodges estão agora percorrendo regularmente os caminhos do deserto de Kalgan á Urga, n'uma distancia de 700 milhas. A sua resistencia é positivamente notavel.

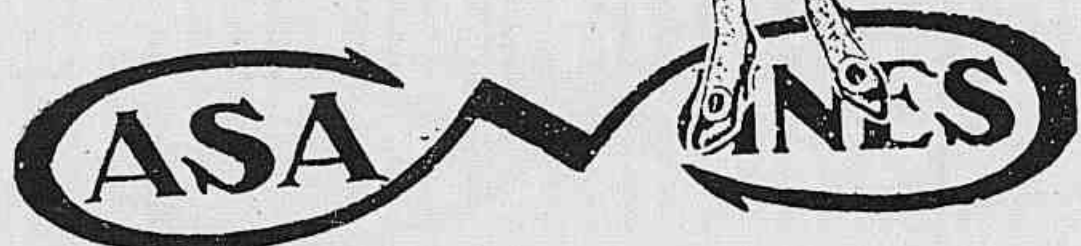
O mais proximo representante dos automoveis Drodge Brothers poderá fornecer os novos preços baixos.

DODGE BROTHERS, INC. DETROIT

W. S. Evill
Rua Treze de Maio 64-C — Rio de Janeiro

Antunes dos Santos & C.
São Paulo

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

O carnaval em Pelotas, no Rio Grande do Sul. Nero e sua guarda de honra, do C. C. Es...pia Só.

UM EXQUISITÃO

O mez passado chegou ao Cabo um dos maiores esquisitões que se conhecem, o multi-millionario norte-americano Edward Scripps, proprietario de vinte e oito jornaes.

O sr. Scripps, que detesta o barulho, faz suas viagens num hiate á vela de que é proprietario. Falla rarissimamente e dá quasi todas as suas ordens por meio de signaes.

Durante a travessia de Nova York ao Cabo, não chegou a sahir do camarote, onde dois secretarios se revezavam para lhe lerem livros, revistas ou jornaes. E assim elle deu já oito vezes volta ao mundo, só descendo a terra em casos de absoluta necessidade.

O carnaval em Pelotas — O C. C. Es...pia Só, o campeão de 1926.

UM PORMENOR IMPORTANTE

O que se segue contém palavras que se dirigem a qualquer cavalheiro. São palavras de real importancia, se bem que se refiram a um pormenor secundario. Naturalmente transmitto estas palavras, porque nem todos os homens podem perder tempo com os mil e um pormenores da elegancia masculina. Ellas apenas contêm uma especie de aviso.

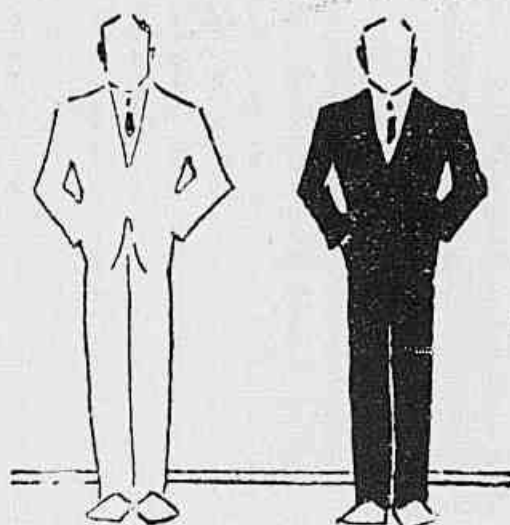
Entremos, por conseguinte, no assumpto. Quando compramos um sobretudo, sabemos muito bem que elle assenta porque as mangas são normaes, porque aperta tambem normalmente e porque a hombreira nem é larga nem é estreita. Entretanto, é muito commum encontrarmos na rua um homem com a gola do sobretudo repuxada para baixo, deixando as costas

do mesmo enrugadas. Porque? Simplesmente porque o cavalheiro em questão, ao vestil-o, não teve o devido cuidado de assentar a hombreira do sobretudo no seu devido logar, fazendo com que a golla do sobretudo se adaptasse perfeitamente á golla do paletó. Este defeito renovado continuamente acaba por deformar forçosamente o sobretudo.

Ha dias, á porta de um grande hotel, vi a seguinte combinação: terno castanho, camisa azul listada de branco, gravata castanho escuro, sobretudo azul escuro, chapéu de feltro castanho, cache-col castanho escuro, sapatos marrons e meias castanhas.

LINHAS E CORES

Se olharmos cuidadosamente para os dois homens que se vêem na pequena gravura que acompanha esta nota veremos que um parece ser consideravelmente mais magro do que o outro. O homem preto parece ser uma especie de sylpho ao passo que o homem representado prin-

cipalmente pelo espaço branco parece ser mais gordo.

A lição illustrada representa graphicamente um facto muito commum, e quer dizer o seguinte: se uma pessoa for atarracada e um tanto robusta deve evitar os tecidos claros, porque se o não fizer dará a impressão de ser ainda mais gorda do que na verdade é.

Os ternos brancos ou claros sempre fazem com que uma pessoa pareça mais gorda, mas não mais alta. As linhas finas são dadas pelas côres escuras. A resposta explicativa deste facto é a seguinte: as côres claras absorvem, por assim dizer, mais luz, tornam-se mais brilhantes, o que não se dá com as côres escuras.

Um homem gordo ganha enormemente na sua elegancia usando ternos escuros, lisos, absolutamente lisos. Pelo mesmo motivo deve evitar a côr branca no collete do smoking.

Um homem baixo e robusto póde usar calças brancas, mas deve acompanhal-as com um paletó azul. Assim não ha perigo nenhum. O perigo está em usar um terno claro ou de palm-beach.

CORES GRITANTES

Hoje em dia, em todas as avenidas desta cidade, encontramos o castanho triumphando nas suas varias tonalidades. Vemos todos os castanhos, escossezes, londrinos e nova-yorkinos. Naturalmente, toda a gente gosta mais dos escossezes, por motivos que não podemos aqui examinar.

Castanho claro, castanho médio, castanho avermelhado, castanho chocolate etc. são cores que se vêem commumente. Mas ha algumas, por exemplo o castanho chocolate, que são um tanto perigosas. São cores que exigem muito cuidado. Não que sejam cores de que alguem possa ficar envergonhado. Absolutamente não. Mas são gritantes, um tanto escandalosas.

Se escolhermos um terno castanho chocolate, e o combinarmos com uma camisa listada de verde e branco e uma gravata listada de verde e vermelho, teremos mais côres do que é necessario. Se usarmos, porém, o terno com camisas castanho ou marron, ou listadas de branco, com uma gravata azul ou castanha, o terno não ficará gritante. Quanto mais discreto o effeito, melhor combinará com esta côr.

Nova-York, março.

PETER GREIG.

(*Do Blue Features Syndicate Inc.*)

Os chapéos

O chapéu é um dos elementos da toilette que mais contribuem para a elegancia do conjuncto. Por muito sumptuoso que seja um vestido, por primorosos que sejam os sapatos que calce, uma mulher não estará verdadeiramente elegante se não puzer um chapéu de linha graciosa.

Deduz-se d'esta elementar consideração que a mulher põe na escolha de um chapéu o mesmo cuidado escrupuloso que põe na escolha do vestido ou do manteau. N'este ultimo anno o chapelinho de feltro triumphou por completo. A flexibilidade da materia prima prestava-se á phantasia dos chapeleiros, e assim vimos chapéus de feltro das fórmas mais diversas e originaes.

Com o serem muitas as formas que revestiram os chapéus de feltro, as casas creadoras encontraram uma nova forma, que está destinada a obter grande exito. Referimo-nos ao modelo chamado "tocque". As abas fazem lembrar as dos chapéus de campo; porém na parte posterior a linha sobe sensivelmente, deixando a nuca a descoberto.

Estas toucas, que constituem uma seductora novidade, usam-se de preferencia, quer com o abrigo, quer com o traje *tailleur*.

No que respeita a côres, usa-se muito o beige e os matizes areia e castanho, que no fim de contas podem figurar na gamma dos beiges.

As toucas de feltro quasi não levam guarnições e todo o seu enfeite consiste no emprego de alfinetes ou pregos, mais ou menos trabalhados.

Os modelos de tafetan e crin estão tambem muito em voga.

Em um chá elegante dos Campos Elyseos tivemos occasião de admirar um lindo chapéu de crin parma, enfeitado com uma cinta parma e prata e uma minuscula penna de prata.

Os creadores de chapéus offerecem-nos uma grata variedade de côres e feitios.

Os modelos de palha bengala com draperie de terciopelo dourado, são de um effeito muito novo e de exito seguro.

Vêem-se tambem nas collecções muitos chapéus de *falla* e outros com incrustações de desenhos cubistas.

A moda da proxima primavera caracterisa-se por uma encantadora simplicidade e por um innegavel bom gosto.

A silhueta é cada vez mais juvenil. Qual será a mulher que se queixe de semelhante tendencia?

A. D'ENERY.

(Serviço do *Consorcio internacional de Presse*).

1 — Chapéo de tafetá liso cyclamen, guarnecido com duas bandas de couro repoussé e pontos de seda novos.

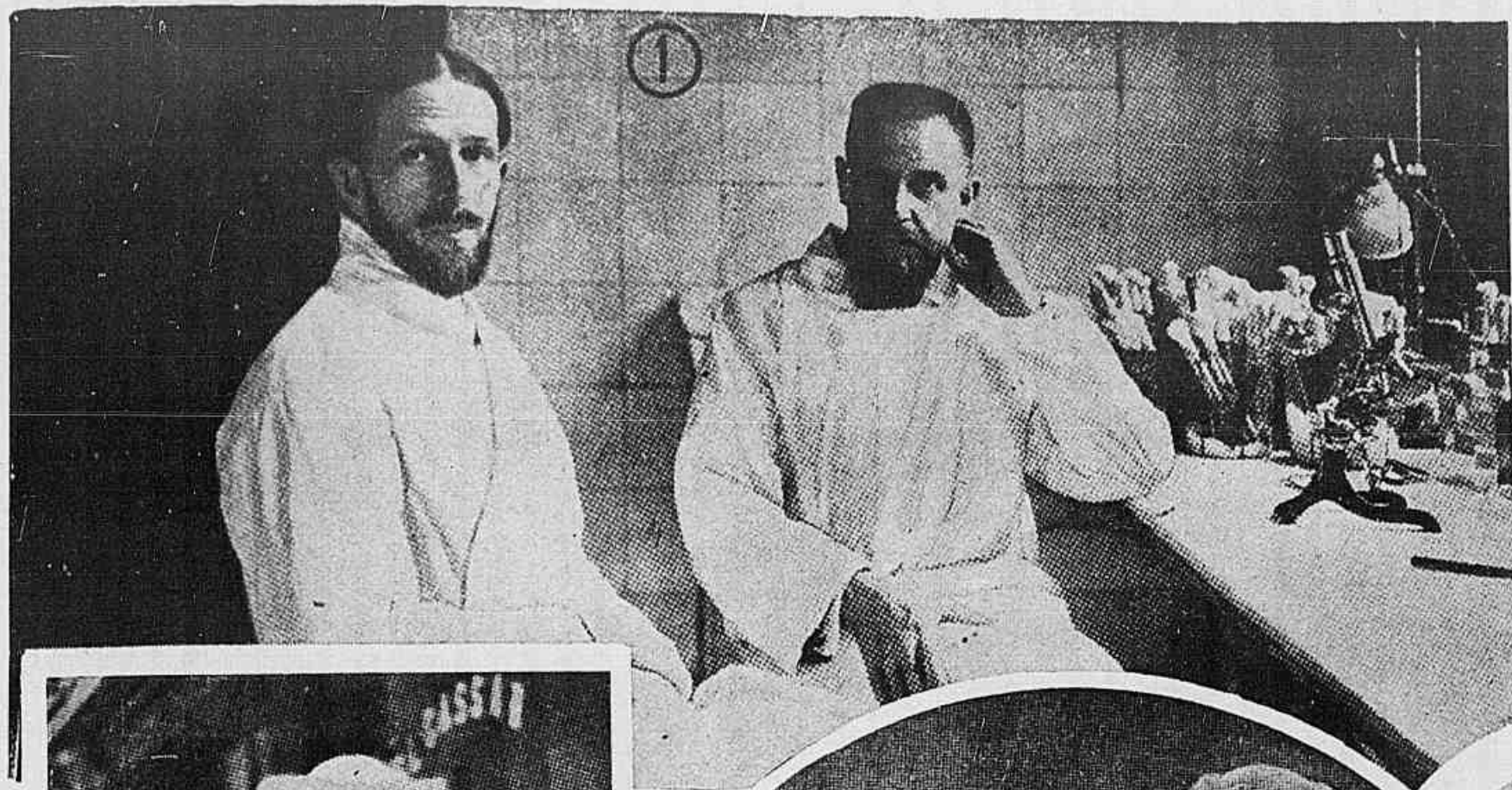
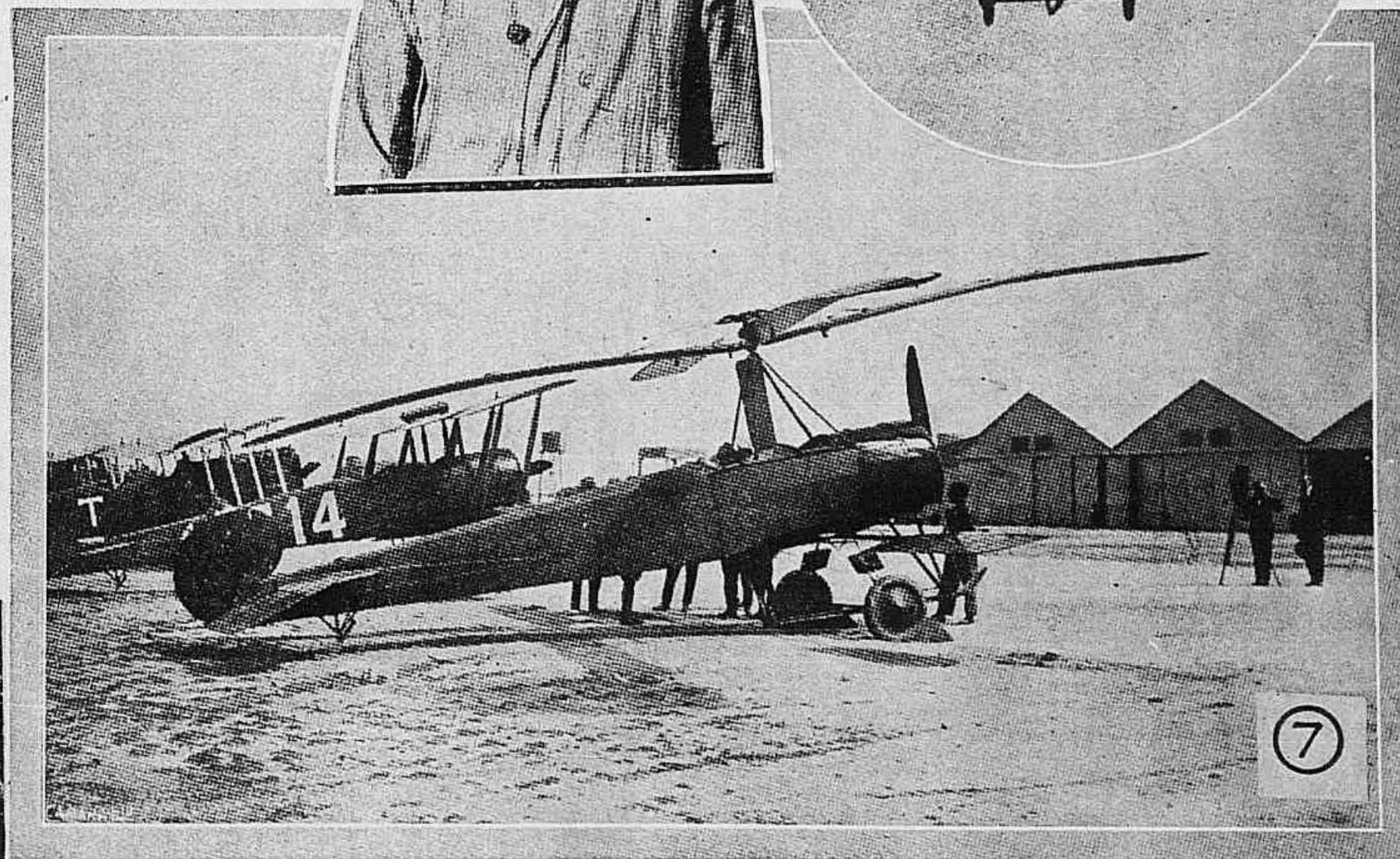
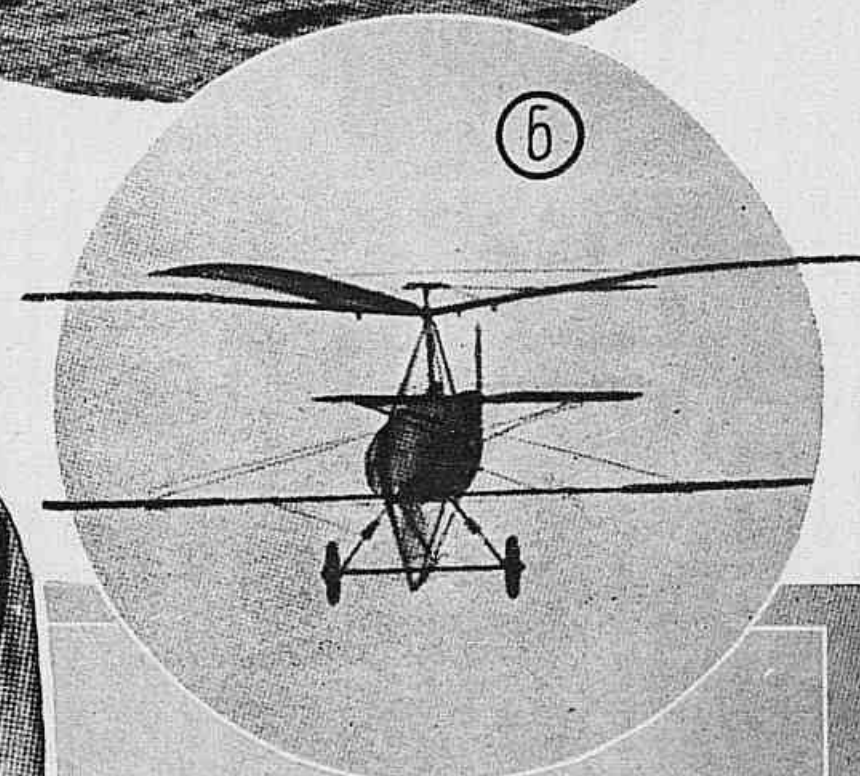
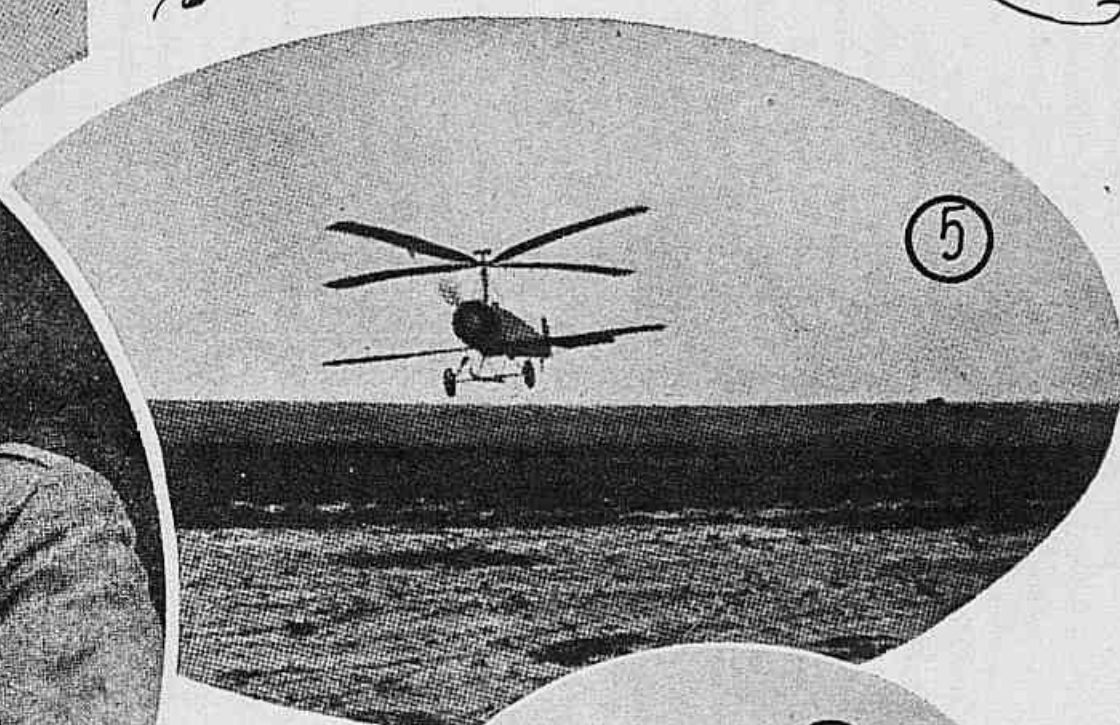
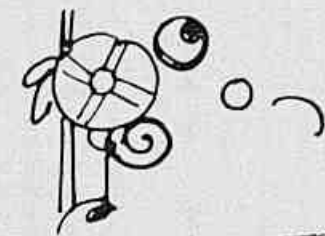
2 — Chapéo de noite de drap de ouro, com reflexos de aço, sobriamente guarnecido com um motivo de onyx e strass.

3 — Chapéo de crina parma, guarnecido com uma fita escosseza parma e prata, e uma pequena pluma de prata.

Vestido de noite. Sobre um fundo de lamé de prata uma renda fina de seda cyclamen. O *cinto* forma um *pouf* atrás, terminando em longa cauda.

Tunica de tecido de seda verde amendoa, bordado de pastilhas brancas, abrindo sobre um corpo plissado de crepe limão.

1 — Chapéo de crina preta, guarnecido de petalas de rosa. Echarpe de setim preto. 2 — Sacco de gamo preto, guarnecido de incrustações de nacar. 3 — Bolsa de couro vermelho com fecho de prata. 4 — Luvas de pelle branca bordada de nervuras verdes e applicações de pelle verde nos canhões. 5 — Sapato de cabrito marron com applicações de cabrito côr de avellã.

Capa para noite, de *lamé* ouro e verde, apertada sob as cadeiras por um cordão de ouro e guarnecida de applicações de zorenos. A mesma applicação na golla.

O que vae pelo mundo

1 — Os doutores Hamon, do Instituto Pasteur, e Zoeller, do Hospital do Val-de-Grace, que descobriram a vaccina contra o tetano.

2 — Um curioso costume de Malta: o collector de esmolas para o pão das almas dos criminosos condemnados á morte.

3 — O glorioso commandante Ramon Franco photographado com a sua esposa, sra. Carmen Diaz, no dia em que contrahiram matrimonio.

4 — Juan de la Cierva y Codorniú, o illustre engenheiro hespanhol inventor do autogyro.

5 — O autogyro, o passaro do futuro, deixa facilmente a terra para fazer evoluções no ar, até ha pouco, qualificadas de impossiveis.

6 — Em pleno vôo: o autogyro pára um instante no ar, preparando uma descida em linha quasi vertical.

7 — O autogyro visto de perto. O apparelho differencia-se essencialmente dos aeroplanos communs na helice de quatro pás montada sobre um forte mastro que preside os movimentos de sustentação e descida quasi vertical.

8 — Os ultimos Pelles Vermelhas authenticos em visita ao Velho Mundo. O chefe da tribu india dos Sioux rodeado pela sua gente que, convertida em «troupe» de circo, chegou ha pouco tempo á Allemanha.

9 — A evacuação de Colonia pelas tropas inglezas de occupação. A multidão contempla respeitosamente a marcha dos batalhões britannicos que evacuam a cidade, á passagem pela grande praça da Cathedral.

A Trança Brasileira

REINA a moda dos cabellos curtos, fallemos dos compridos, sem pirraça.

A cabelleira feminina tem prendido a attenção do universo, desde os mais velhos tempos. Mestres ingenuos, em gravuras primitivas, representaram o paraizo terrestre em hora biblica do maldizer divino, Adão no meio do Eden indiciando perplexidade, Eva escondendo o rosto abrazado de vergonha entre longos cabellos soltos.

Baixou á terra, para o soffrimento proprio e o da descendencia, o casal que peccára pela tentação da serpente esguia offerecendo a maçã rotunda.

Depois de Eva, sumida a pre-historia, começou a humanidade civilisada a reparar na cabeça feminina e n'esta logo os cabellos lhe feriram o exame; passou em julgado que sem elles o craneo da mulher seria ridiculo sobre repellente. O adjectivo calvo jamais ousou seguir Venus, senhora de tantos outros adjectivos, de venusta a victoriosa. Desde a mais alta antiguidade, sob o patrocinio da deusa da formosura, apoderou-se a moda da mulher, cuidou-lhe dos cabellos, penteando-os, tratando-os, amaciando-os, tingindo-os, virando-os, revirando-os, encrespando-os, alisando-os, achatando-os, torreando-os, encanudando-os.

Após a moda, a poesia, sobretudo a dos seculos galantes, considerou os cabellos femininos, para endeosal-os; quantos donairearam ou farfalharam ao redor das damas nunca se esqueceram de comparar-lhes a cabelleira ao fulgido do sol ou ao precioso do oiro, ao negrume da aza do corvo ou ao denso das trevas, conforme os casos, os éstros, as côres e os enthusiasmos.

Desmoderou-se a poesia em celebrar os cabellos das bellas a ponto de acordar a ciumaria de quantos as guardavam e não as queriam castigando por ahi com qualquer valdevinos.

Uns a deitar zelosos a alva do olho sobre os audazes, estes se derretendo quanto mais aperreados como a almécе escorre dos queijos no aperto do cincho.

Não sahiram os cabellos compridos da scena do amor, sempre sem armas a ferir gente, muita da qual pensada com o parche do verso; consolo de cada deicola maltratado ou esperançoso.

Malgalante aquelle que não descobrisse logo mil e uma formosuras nos cabellos da amada, até nos menores fios.

Para estes todos os desvelos da perfumaria, em aguas cheirosas, pomadas e cosmeticos; todos os carinhos dos cabelleireiros, os intimos das côrtes, os disputados do toucador, os ignorantes que, entre tesouras e ferros de frisar, deram realidade á maxima de Rousseau: a mulher foi feita especialmente para agradar ao homem. E bom é quando ella não o quer no plural.

Sem nenhum desejo de motejar, a historia está cheia de cabellos.

Por causa d'elles, compridos, não perdeu a vida Absalão? Os pobres reis merovingios da decadencia não vivem nos annaes da humanidade com a alcunha de reis cabelludos? Tito, o imperador romano, não ficara antes lembrado n'um modo de arranjar cabellos, como outro o proporcionaram os desditosos filhos de Eduardo suffocados na Torre de Londres, porque tiravam o ar ás ambições do tio duque? Não existiu até um bandó á Virgem?

No correr dos tempos quanto que fazer os cabellos compridos deram a mãos humanas, mergulhando nos fios annelados, frisados, ondulados, soltos sobre as espaduas á espera de fórma ou presos em trança!

E sempre a poesia a observal-os, a louval-os, a dar-lhes adjectivos, a descabellar-se em elogios, em hyperboles, sem poupar metros ou medir arrojos, pelos cabellos os poetas quando não conseguiam descobrir bôa nova em honra da cabeça amada.

Uma partidaria celebre dos cabellos compridos, Cléo de Mérode.

Os classicos não se occuparam tanto com os cabellos como os romanticos, muitos mais endeidecidos de mulher.

Na poesia romantica de todos os paizes, o comprimento dos cabellos, o seu sedoso, o seu aroma, para os mais exaggerados, foi motivo para versos sem fim.

As composições poeticas mais celebres do periodo romantico, em Portugal e no Brasil, todas fallam de cabellos adoraveis.

Na "Dulce" de Gonçalves Crespo, a loira que se vende:

"Ao desdem lhe cahia a loira trança".

Em "Sara" "Maravilha da carne, o mar da longa trança:
Pouco a pouco se espraia... e flacido descansa".

Em "Il Ritratto":

"Solta lhes desce a trança resplendente
Em ondas sobre o seio immaculado".

Podiam os cabellos escapar á admiração dos poetas tropicaes?

Casimiro de Abreu, em "Amor e Medo", declara:

"Ai! se eu te visse no calor da sésta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabellos nas espaduas nuas!..."

No calido "Se se morre de amor", posto á sombra de uma epigraphe do frio Schiller, Gonçalves Dias se embelleza pelas sympathicas feições de alguem por cintura breve, por graciosa postura, pelo porte airoso, por

"Uma fita, uma flôr entre os cabellos".

Na revista de mostra que na breve existencia Castro Alves passou á mulher nas mulheres, os cabellos estão sem cessar na ordem do dia dos amores do poeta, voluvel n'elles como se adivinhasse a fugacidade dos seus prazeres.

A "Adormecida" tinha somno n'uma rêde, encostada mollemente:

"Quasi aberto o roupão... solto o cabello"

Em "O Tonel das Danaides" confessa o poeta:

"Na torrente caudal de seus cabellos negros
Alegre eu embarquei da vida a rubra flôr"

Mas poucas vezes melhor disse elle enlevos pelos cabellos do que cantando os de Pepita, em "O Laço de Fita" de tanto moer nos recitativos dos saráos de outr'ora:

"Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabellos da moça bonita,
Fingindo a serpente qu'enlaça a folhagem
Formoso enroscava-se
O laço de fita".

Até aqui em altos de poesia; agora desçamos á prosa, por guia e informante Joaquim Manoel de Macedo.

Segundo elle, textualmente, por volta de 1860, na rua do Ouvidor, entre as ruas dos Ourives e de Gonçalves Dias, então dos Latoeiros, existia uma casa de cabelleireiro, "A Cabeça de Ouro". Um dia a vidraça da loja fez parar e ficar quantos passavam. As senhoras então demoravam-se muito, commentavam, andavam, tornando a voltar, em duvidas e cochichos.

Viam exposta na vidraça uma trança de cabellos, bastissima, castanha quasi preta, de formoso matiz, tão longa que serpeiava em tres lanços ou voltas na vidraça.

Taes cabellos mediam dous metros e meio, fóra o que d'elles ficara ornando ainda a cabeça da dona onde os cabellos cortados deviam ter doze a treze palmos de cumprimento. Quando ella os abandonasse soltos arrastar-se-ião seis ou sete palmos pelo chão, estupenda cauda de um manto de madeixas.

O prodigio era de tal monta que houve quem n'elle suppuzesse artificio. Na trança, subtilmente, teria talvez a arte capillar prendido entre si cabellos de menor comprimento. Os incredulos e sobretudo as incredulas, tão chegadas ao vêr de S. Thomé, entravam em "A Cabeça de Ouro" para observar de perto o prodigio e portanto crêr como o apostolo. Crescia a suspeita diante da recusa do cabelleireiro no consentir qualquer exame manual. Fizeram-se e cresceram apostas no Rio de Janeiro, impressionados pela trança, uns a reputando natural, outros não.

De onde vinham taes cabellos? O dono da loja emmudecia. Nada ha para centuplicar curiosidade como o mysterio, cavalgado logo pela fantasia.

A imaginação entrou em campo. Juravam já uns que os cabellos haviam pertencido a camponia italiana, que os cedera por uma ninharia; outros pretendiam que os tinham tirado da cabeça de uma hespanhola depois de morta.

Desvairada a imaginação, os famosos cabellos acabaram por pertencer a mulheres de Portugal, da Grecia, do Oriente. Da brasileira ninguem se lembrou. Entretanto a trança estupenda de uma provinha. Afinal tudo se esclareceu.

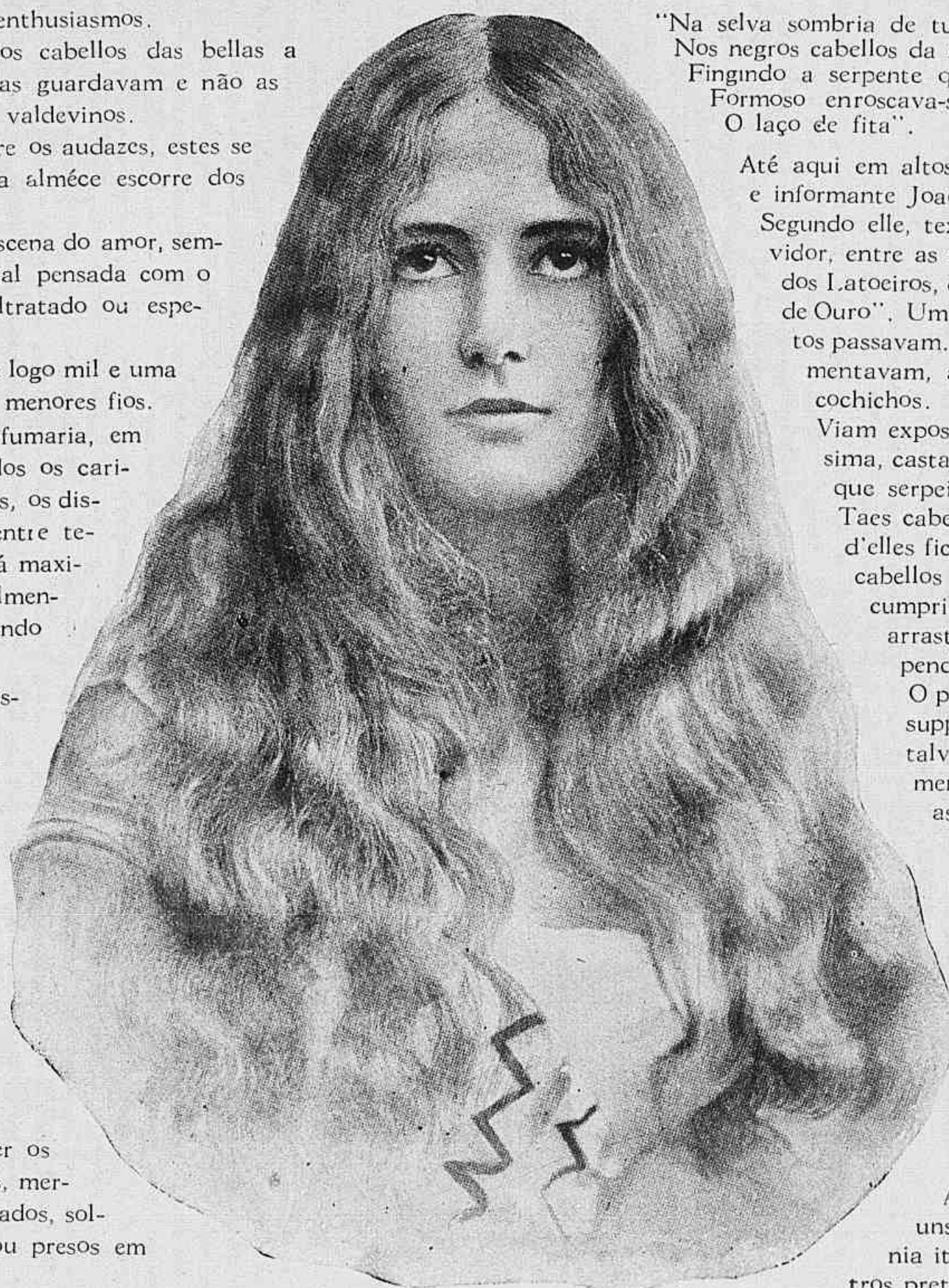
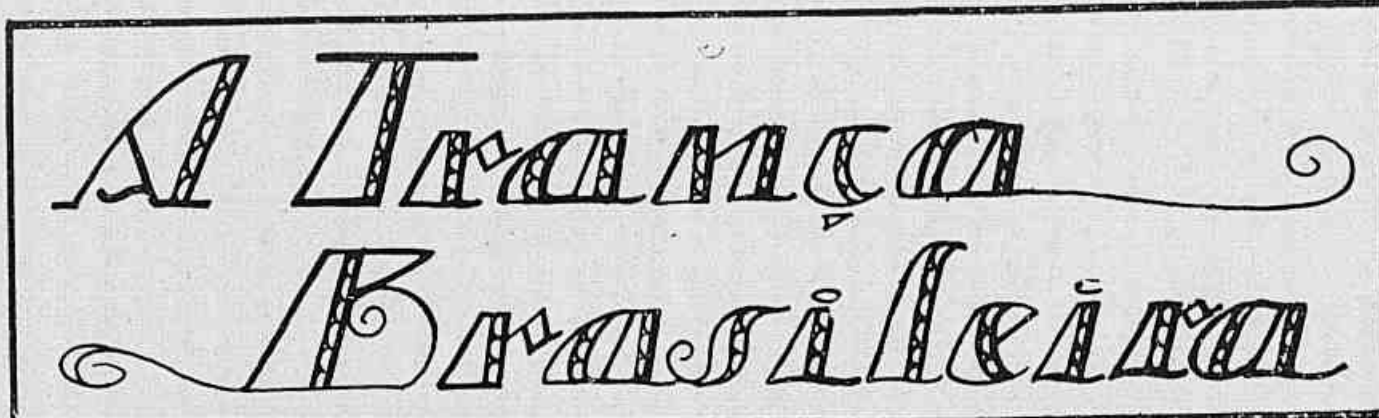
Um medico, o dr. Antonio da Costa, fôra um dia convidado a prestar serviços profissionaes a formosa joven, mineira, natural de Marianna e casada. Atormentava-a constante cephalagia contra a qual investiu em vão toda a sciencia do clinico. Augmentava o supplicio da doente a medida da mingua dos recursos do medico, enlevado pela cabelleira da cliente como quem a visse.

Cheio de pena, exigiu o côrte da maravilha, e amigo do cabelleireiro de "A Cabeça de Ouro", deu-lhe noticia da existencia e do proximo sacrificio dos cabellos sem par.

A tesoura fez o seu officio emquanto a moça rompia em comprehensivel pranto. Em compensação regressou a Marianna perfeitamente curada.

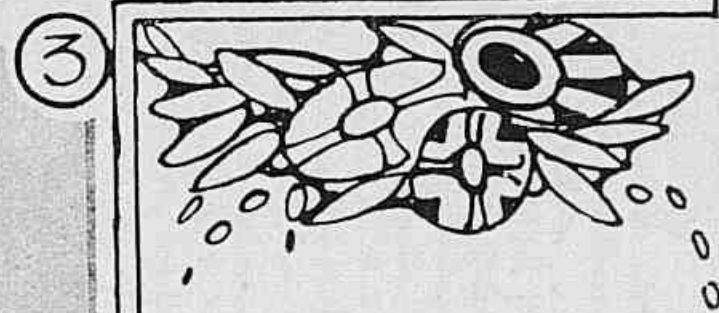
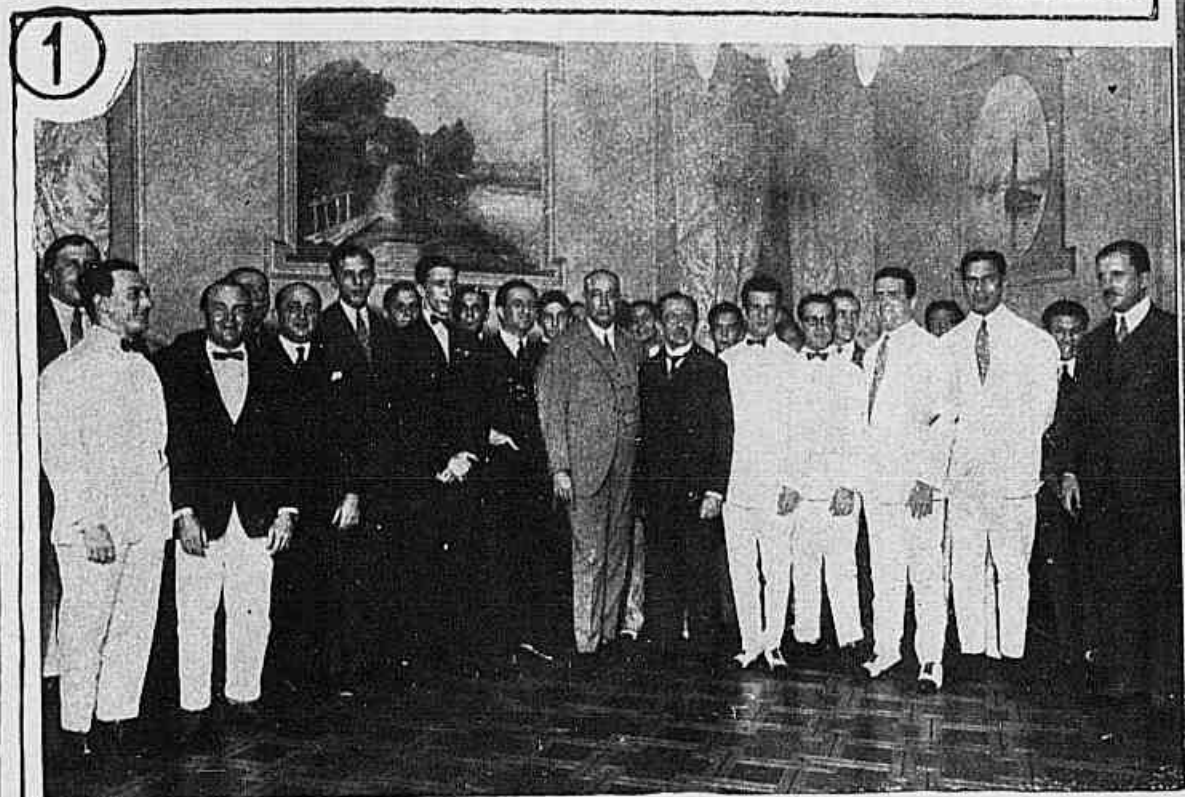
Herdou "A Cabeça de Ouro", por favor do dr. Antonio da Costa, toda a riqueza capillar da belleza despojada. Expostos os admiraveis cabellos revolucionaram o Rio de Janeiro e em seguida chamaram a attenção da Europa.

Escolhidos os fios mais compridos da copia immensa dos cabellos surprehendentes, mandaram-os para a exposição universal de Londres, onde excitaram o maior pasmo e finda a feira acharam quem por elles désse outr'ora cinco contos, moeda nossa.

Meditai, *demi-garçonnes!*

Os quatro annos de Maria Pompeia

1

2

3

Maria Pompeia, a galante filhinha do sr. Presidente da Republica e da sra. d. Clelia Bernardes, completou quatro annos de edade na quinta-feira transacta e, por isso, o eminente Chefe da Nação e sua distincta esposa deram no Palacio Rio Negro, em Petropolis, uma recepção intima a pessôas das suas relações. 1 — As casas civil e militar da Presidencia da Republica, na recepção dada no Rio Negro. Ao centro, o sr. general Santa Cruz, chefe da casa militar; dr. Edmundo da Veiga, chefe da casa civil, e dr. Arthur Bernardes Filho, secretario particular do sr. Presidente da Republica. 2 — Maria Pompeia, sentada, entre algumas das suas muitas amiguinhas. 3 — Ss. exas. o sr. Presidente e sra. Arthur Bernardes em companhia de parentes e auxiliares do governo e suas familias, vendo-se os srs. e senhoras Washington Vaz de Mello, Santa Cruz, Edmundo da Veiga, Daltro Filho, Cantuaria Guimarães e Waldomiro Gomes. 4 — Grupo de senhorinhas em companhia das filhas do sr. Presidente da Republica.

4

Pagina de Eva

DANSAS DE AGORA

festa chegara ao auge. Dansava-se havia perto de tres horas e meia, e ninguem se lembrava ainda de dar signaes de cansaço.

A orchestra parecia ter descoberto o segredo do motu-continuo.

Pelo chão espelhento, onde as luzes em chuva fugidiamente reflectiam, os pés revoluteavam num frenesi de rodopio.

Num dos curtos intervallos desses movimentados instantes de choreographia a todo transe, fui encontrar, melancolicamente encostado ao humbral de uma porta protectora, um antigo frequentador de festas de caridade, rapaz novo ainda que, ha seis ou sete annos, fazia furor entre o bando casadoiro das moçoilas de então.

Não envelhecera ainda.

Adquirira, no emtanto, esse indefinivel ar vivido com que a luta pela existencia estygmatiza um semblante, virilizando-lhe a expressão, personalizando-o por assim dizer, despido afinal das tacteantes hesitações da primeira mocidade. Amadurecera. Havia tempos que não nos viamos, a surpresa do encontro foi-nos reciprocamente agradavel.

Após as inevitaveis questões sanitarias e variações sobre a maior ou menor pressão atmospherica, abordámos o assumpto do momento: a festa.

— Tem gostado? — indaguei afim de fornecer combustivel á palestra. Teve um sorriso dubio na polidez da affirmativa.

— Naturalmente... — respondeu elle, pousando o olhar divertido num par que requebradamente se desengonçava, aos dobrados elegantes de um maxixe de salão — é porém um gosto puramente contemplativo. Sou apenas espectador. Andei afastado do Rio estes sete annos, estou receioso de me haver terrivelmente amatutado. A sociedade renovou-se.

Tudo se tornou desconhecido para mim: as moças, as dansas, as maneiras, os costumes... Confesso-lhe sentir-me meio desnorteado... Não tenho bem consciencia do logar onde me encontro. Não lhe parece exagerarem positivamente o... como direi?... o altruismo destas dansas?

— A dansa evoluiu — retruquei, dando-lhe *in partibus* razão — se a evolução foi bemfazeja, os sociologos que o digam!... Em todo caso não negará que as meninas de agora têm, para dansar, um chiste que os seus vinte e dois annos não conheceram, no nosso tempo...

— Terão... — concordou, n'uma hesitação de reminiscencia, — mas mesmo assim gostava mais das de outr'ora!

Não pense que é madrigal. As moças presentes são de uma faceirice estonteadora, deslumbram, atarantam, enfeitiçam. Assustam tambem um pouco. Sente-se nellas o instinctivo desejo de não ficar atrás, de não parecer retrograda. E excedem-se por conseguinte neste desenfreiado anceio de estar na linha. Soffrem a nevrose da moda.

— Soffrem principalmente a influencia do cinema.

'Deve lembrar-se que na nossa não muito distante meninice o cinema ainda não passava de um bruxoleio em comparação com o fogo avassalador que hoje é. Ninguem cuidava em documentarnos precocemente sobre as torturas, delicias e desgarros de amores mais ou menos correspondidos. O amor era cousa para os grandes. As creanças contentavam-se com a corda, o arco e a peteca. Ignoravamos pouco mais ou menos o cinema. Não tinhamos escola de coqueteria. As mocinhas de hoje foram criadas nelle e delle hauriram os principios guiadores da moral que as dirige. Desde cedo esquentaram-lhes a imaginação com scenas e gestos de uma temperatura de fornalha para a tessitura tenra destas sensibilidades em gestação. Aprenderam bem a lição. Não se queixem se a sabem magistralmente pôr em pratica!... Para libertal-as ainda mais de peias, o exemplo americano...

— Mas é um absurdo — cortou-me elle — querer equiparar a brasileira ainda não completamente preparada ás sãs liberdades do americanismo, com as *girls* nascidas e vividas num meio atavicamente individualista. E' sangue latino que temos nas veias, não o esqueçamos.. Para a independencia, como para tudo mais, é necessaria preparação. Tenho a impressão que deram a beber ás nossas pequenas um vinho demasiado forte para as suas lindas cabecinhas de sensitivas: embriagou-as.

— O que as embriaga decididamente é esta musica... — não pude deixar de reparar ante a vehemencia de um braço, atado em cinta em torno ao talhe de uma deliciosa garota morena, cujos olhos brilhavam sob o feltro vermelho com um fulgor quasi desvairado.

— E' exacto. Dansam com uma convicção, um abandono que chega a fazer duvidas sob a seriedade do logar onde nos achamos... Creio que num cabaret não se dansaria com mais... côr local!... Realizam perfeitamente uma velha definição de revista que me ficou na memoria:

> " *as duas pernas juntinhas,*
> *parece uma perna só,*
> *e o corpo de tão chegado,*
> *parece que dá um nó...* "

'Ha de convir que no nosso tempo havia mais recato...

— E mais fingimento tambem — atalhou de sopetão essa ventoinha da Vidoca Almeiro que, ás caladas, de nós se acercara e com a costumeira petulancia se intromettia na conversa — como querem vocês que, filhas de maxixeiros de raça como os pais, não saibam de instincto maxixar? E' o atavismo, minha gente, a fatalidade do atavismo. Eu cá sou pelo progresso!... Se no nosso tempo tivesse pilhado estas abençoadas liberdades, ah! como as teria sabido aproveitar!...

— Não me consta, no emtanto, que andes agora desaproveitando o tempo...— intercalei numa malicia.

— Faz-se o que se póde! — tornou a philosopha da Vidoca, num desabusado levantar de hombros. E, cedendo a um subito assomo de modernice, enfiou o braço no do nosso interlocutor estupefacto, lançando num quebrado de olhos provocador:

— Vamos dansar, seu Catão: esses meninotes por fim atacam-me os nervos!...

Passava nesse instante por nós a baroneza de Trapoabassú. Ia sombria. Sob o toucado de vidrilho fôsco que lhe aureolava a fidalga cabeça, a face congestionada transpirava exprobração e repugnancia. Dava-lhe o braço a Leticia, a neta mais moça, um Helleu crestado ao sol da Avenida, cujos dourados quinze annos tinham o verdor saboroso de uma fructa temporã.

— Já se retira, Baroneza?...

A digna titular voltou para nós o busto opulento.

— Não posso ficar — retrucou num desabafo — essas dansas fazem-me subir o sangue á cabeça... Dizem que é a moda, moda indecente!... Levei tanto tempo a ver minhas netas apertadas nos braços de cavalheiros desconhecidos e duvidosos que, para não fazer um espalhafato, preferi retirar-me! A pequena leva-me até ao automovel e volta, ainda ficam as duas, acham cedo!... Esta mocidade de hoje é de se lhe tirar o chapéo!... Olhe a Marilia, lá está ella a dansar, se aquillo é attitude para uma moça solteira!

E com o indicador em riste, na lufada de indignação que a transportava, designava á censura das turbas a delinquente dansarina. Era uma suave apparição de gravura ingleza, um chromo virginal na altura da macia tunica de crêpe Georgette. Os cabellos doirados emmolduravam um perfil á Récamier, adoravel de creancice ingenua e espiritual. E essa figurinha de missal, estreitamente premida nos braços do companheiro que lhe parecia querer esmagar no enlace o corpo de silphide, dansava — era preciso convir — da menos espiritual, da menos ingenua das maneiras.

— E dansam sem collete! — suspirou desconsoladamente a Baroneza suffocada — sem collete!... No meu tempo o rapaz que nos visse o tornozello achava-se moralmente compromettido a casar comnosco!...

— Máo tempo, vóvó, — declarou desassombradamente a Leticia, gingando os quadris estreitos, com um clarão de zombaria nos olhos pintados, numa affectação de myopia da qual nem por sombras suspeitava a impertinencia — máo tempo, principalmente para elles... Agora, pelo menos, já pódem fazer uma ideia do que levarem...

Ante o modernissimo imprevisto desse ponto de vista, a Baroneza vacillou como se o sólo lhe faltasse aos pés e, tremulamente, no alvoroço de pudicicia escandalizada que a emmudecia, esboçou sobre o seio austero um desesperado signal da cruz.

Maria Eugenia Celso.

(Conceito profano e sagrado da dansa)

A dansa, arte dos rythmos, estyliza a graça agil e subtil das fórmas, no colleio voluptuoso das linhas, no desenho plastico do corpo e na suave e ondulante caricia dos gestos alados.

Em toda mulher reside a tentação da serpente, como si no seu ser se operasse o desejo de sentir a rubra e diabolica delicia das chammas, que são o rythmo vivo e voraz do fogo. Mas, como em toda a luz se encontra o principio divino da purificação, a mulher transfigura-se e salva-se, porque se torna, então, fluida e celestial, espiritualizada pela musica profunda e silenciosa do mysterio...

Salomé, a virgem que dansa nos versiculos da Biblia e no poema profano de Wilde, surge á feição de um passaro branco, de asas abertas, tendo o delirio das vibrações supremas e em cujos contornos niveos e palpitantes canta, estremece e se expande a ansia que faz mover os corpos, elevar as almas e gyrar os mundos.

A cabeça decepada do Baptista é a exigencia de sua feroz e implacavel seducção.

A virgindade torna-a uma flor casta da violencia e no seu enigma animico ruge o furor de uma tempestade que se concentra. Na mulher inviolada dorme o segredo tragico de todas as cousas hermeticas e desconhecidas, floresce um abysmo que se dissimula, e sorri uma esfinge taciturna e indecifravel... E' que ella encarna a versatil e fatidica belleza da Lua fria e esquiva, onde se acham todas as abominações, na estranha concepção do poema wildeano. Causino-Assens, no seu admiravel estudo de exegese critica e esthetica sobre a obra do inglez hellenizado, estabelece essa affinidade transcendente e diz que o astro candido se converte num grande sexo astral.

Isadora Duncan
(Desenho de G. Raieter).

O estro quintessenciado de Rubén Dario soube fixar Salomé nestes versos lunares:

En el país de las alegorías
Salomé siempre danza
ante el tiarado Herodes,
eternamente.

Y la cabeza de Juan el Batista
ante quien tiemblan los leones,
cae al hachazo. Sangre llueve,
pues la rosa sexual
al entreabrir-se
conmueve todo lo que existe
con su efluvio carnal
y con su enigma espiritual.

O nosso poeta torturado, o mystico e desencantado Pereira Da Silva, que tem a lyrica tristeza do crepusculo, tambem soffreu a suggestão da figura sensual que exsurge das paginas da Biblia, essa paisagem da Eternidade.

E' noite. Encerrado no seu quarto de solitario, na sua cella de meditação, atormenta-o o tédio. E o monge, enclausurado na sua dor e na sua melancolia, confessa:

Em vão me apego á idéa sempre ardente
da Vida — esta volupia do Futuro.
Queima-me intensa febre o sangue impuro.
Perpassam-me relampagos na mente.

E' o delirio. Ao seu olhar, docil á illusão, a vela cresce e incendeia-lhe a solidão. E apparece-lhe ante o seu olhar de pasmo

Salomé, numa orgia de fantasmas,
Bailando a Valsa erotica das Chammas.

A dansa, quando obedece á disciplina dos ritos, não desperta senão uma sensação de extrema espiritualidade, pois desenha e descreve a ansia mysteriosa das almas que são attrahidas pelos rythmos do Universo. E' a dynamica da Fé. Sente-se uma caricia de sombras... E os véos, que envolvem os corpos das sacerdotizas que bailam como visões de sonho, fulgem como nimbos e evolam-se como perfumes.

As dansas sagradas esculpem almas, ligando-as á cadencia de todas as espheras.

Em Benares, a cidade santa da India, e em outras cidades veneraveis que ficam ás margens do Ganges, o rio sagrado que corre tambem na alma do mundo e na dos homens, as *bayaderas* são solemnes e magnificas. Celebram, no rythmo da plastica feminina, a volupia divina da Eternidade.

Ha-as — descreve Gomez Carrillo — que têm algo de sagrado em seus corpos de bronze e que, ao apparecerem deante das multidões absortas, determinam milagres de adoração. Ha-as tambem nos soberbos palacios dos maharadjahs, que revivem, com o prestigio de suas dansas, a munificencia das maravilhas do passado.

Para o eximio chronista é a bayadera popular a que maior encanto lhe offerece, porque é planta indigena, fruto saboroso da terra. E' o mesmo rythmo adormecedor e uniforme, com que os krikrinos de olhos de fogo encantam as serpentes, o da musica que as faz dansar. E exclama o peregrino da Belleza, o turista das sensações: E' o rythmo da serpente! E essas ondulações dos braços redondos, e esses movimentos de ascensão das pernas, e essas espiraes do corpo tambem são de serpente, de serpente sagrada! Ha algo de anneloso em seu ser...

***

As dansas classicas, que nos legou a Grecia immortal, paiz da harmonia, tinham e ainda têm uma castidade absoluta, porque são dansas isoladas, que só empolgam a alma, sem provocar a teia dos sentidos, ao contrario das dansas barbaras e primitivas e das que hoje allucinam os civilizados modernos.

Isadora Duncan reviveu-as em nosso tempo, esculpturando a belleza núa e limpida da Hellade, onde a carne e o marmore eram plasmados pelo desejo divino da Perfeição. Seu corpo — dil-o Manoel de Souza Pinto — é um rythmo perenne.

La Imperio
(Desenho de Ricardo Marin).

Tive a alegria espiritual de vel-a dansando. Dir-se-ia um cysne sagrado. E vendo-a mover-se, como estatua fluidificada, que tivesse o dom da levitação, experimentei a mais pura das emoções, sem que o venabulo do instincto me ferisse. Senti, ao contrario, uma sensação de extase, como si uma nuvem branca, ao invés de uma fórma, deslisasse deante dos meus olhos deslumbrados.

As dansas hespanholas são, por contraste, ardentes, electrizantes. E' que não as creou, por certo, o mysticismo da raça. Foi o influxo da conquista dos arabes e a lubricidade nomada dos gitanos, em cujos corpos bronzeos circula o sangue de uma raça bohemia e inquieta, que traz o alvoroço dos guizos, dos pandeiros e da paisagem de Triana, tendo na alma errante uma scentelha do riso e do sol andaluzes.

Pastora Imperio foi o rythmo dessa vibração ethnica, a graça sevilhana dessa vertigem, porque a sua carne, no louvor de Benavente, tem ardores de eternidade.

A dansa brasileira, typicamente nossa, é o maxixe, assim como o tango caracteriza a Argentina. O maxixe não conhece a cadencia, porque accelera rythmos desarticulados e estyliza a contorsão dos cipós, que exprimem a violenta expansão da selva tropical. E' uma progressão de xis que, nos minutos da dansa selvagem, concentram a potencialidade maxima da expansão. O maxixe illustra, pinta ao vivo a desordem nacional...

O tango espelha a melancolia do pampa: é a alma triste do gaúcho, que dansa e recorda.

As dansas do seculo XX culminam no *fox-trot*, que o *yankee* impoz ao mundo inteiro, fazendo assim um imperialismo coreographico. Empolgam a todos essas dansas violentas, que dynamizam a loucura ruidosa desta época vertiginosa.

Não se dansa, no sentido classico ou religioso da expressão: pratica-se um desporto, como si jogasse um *foot-ball* dos sentidos... E' o *box* das almas!

Quando uma orchestra rompe o flagello sonoro de uma dessas phobias brutaes, tem-se a impressão nitida do Juizo Final... Os guinchos do *jazz* atropelam, empurram os pares, á maneira de uma scena macabra, que se desenrolasse num manicomio.

Os bailados russos, deleite das platéas cultas do mundo, são ao revez uma visão empolgante da belleza que agita a alma slava, cujos rythmos barbaros a neve purifica.

A dansa vae readquirir o seu prestigio. Mlle. Helena Vanel e *miss* Lois Hutton fundaram a "Escola do Rythmo e da Côr" para o culto da dansa decorativa, em cuja paisagem silenciosa de attitudes e rythmos ha uma suggestão de mysterio.

E' um quadro de belleza plastica, de sombras vivas, de almas serenas e harmoniosas. Lembra o extase das dansas religiosas do Oriente, onde cada gesto lento é um rythmo eterno, uma floração da luz que nos vem de astros remotos, de mundos distantes, de vidas e sonhos que vibram e cantam no espaço... Espiritualizar a dansa é elevar a especie, proporcionando á vida uma sensação de alegria divina, porque a fórma, sob o rythmo, se torna uma estylização de asas, revelando a graça ondulante das almas.

Saul de Navarro

Concurso da Aspiração Feminina

A "REVISTA DA SEMANA" PERGUNTA A'S SUAS LEITORAS:

Que mulher desejaria a senhora ser?

E ESPERARÁ AS RESPOSTAS ATÉ 31 DE MAIO PROXIMO.

O CONCURSO DA ASPIRAÇÃO FEMININA obedecerá ás seguintes condições:

1.a — As concorrentes poderão designar qualquer mulher, tirando-a da Historia, da Lenda ou da ficção litteraria.

2.a — A justificação da escolha não poderá ir além de doze linhas á machina em papel da largura geralmente usada pelos dactilographos.

3.a — As respostas deverão ser assignadas por uma phrase ou palavra qualquer; e em enveloppe separado e fechado deverá vir a mesma palavra ou phrase, acompanhada do nome da concorrente. No mesmo enveloppe, por fóra, se escreverá a phrase ou palavra em questão. Assim, o nome verdadeiro só será conhecido em caso de premio ou menção honrosa; e tal a razão da nossa exigencia que não serve senão para garantir ou favorecer as concorrentes.

4.a — A Revista da Semana reserva-se o direito de supprimir summariamente as respostas que lhe pareçam menos proprias para figurar nas suas columnas.

5.a — O jury deste concurso compor-se-ha de tres nomes notaveis nas letras brasileiras.

6.a — A Revista da Semana estabelece para as autoras das tres melhores respostas tres premios respectivamente constituidos por joias dos seguintes valores: — 1.° premio, Rs. 1:000$000; 2.° premio, Rs. 500$000; 3.° premio, Rs. 300$000. Essas joias poderão ser escolhidas em qualquer estabelecimento pelas proprias concorrentes premiadas. Além disso, haverá as menções honrosas que o Jury determinar e que consistirão na reproducção das respostas, com os nomes das autoras. E todas as recompensas comprehenderão retrato, na Revista da Semana, das senhoras ou senhorinhas contempladas.

Temos recebido varias cartas de candidatas a este concurso, perguntando se podem escolher uma figura alheia á série de mulheres celebres que temos publicado e continuaremos a publicar. A resposta, antecipadamente a démos na primeira das clausulas do concurso. As biographias ou louvores insertos nesta pagina servem apenas como exemplificação; mas as concorrentes podem designar qualquer celebridade historica feminina, uma heroina de romance ou de theatro, a inspiradora dum poema ou obra de arte em geral, e até uma figura de lenda. Ao demais, repetimos, o valor da resposta não está na natureza da escolha e sim na sua justificação. E' dizendo, no espaço limitado na 2.a clausula, as razões por que preferiram esta ou aquella mulher que as concorrentes podem fazer jús aos premios estabelecidos — pois não é este um certame de caprichos ou vaidades mas principalmente um prelio de intelligencia.

DAMIANA DA CUNHA

A Missionaria.

Neta do cacique da nação Cayapó — tribu conhecida tambem pelo nome de Coroados — foi levar ás selvas a civilisação, equiparando-se, nesse particular, aos jesuitas famosos, como Anchieta e Nobrega, e ao Anhanguera.

Os Cayapós, valorosos e briosos, dominavam os sertões de Camapuan e caçavam até Curytiba. O governador de Goyaz, Luiz da Cunha Menezes, deliberando acabar por meios brandos com a intercepção pelos Cayapós das estradas que ligavam essa capitania ás de Minas e São Paulo, em incursões que faziam com o auxilio de bandidos e criminosos, escolheu o soldado Luiz, que tomara parte em varias bandeiras, para dirigir 50 goyanos e 3 indios que, falando a lingua dos Cayapós, serviriam de interpretes. De regresso, trouxe essa expedição 40 indios, com mulheres e creanças, e entre elles o cacique, com uma filha e dois netos.

DAMIANA DA CUNHA

Baptisadas as creanças, uma das netas do cacique recebeu o nome de Damiana e o appellido de Cunha, dado pelo governador, seu padrinho. Damiana foi residir e criou-se na aldeia de S. José de Mossamedes, casando-se com um dos filhos da terra, que logo assentou praça no batalhão ali de guarnição.

Os Cayapós, entretanto, não se habituaram na totalidade á vida civilisada, e muitos voltaram ás mattas e ás depredações e saques.

O governador, vendo infructiferos os seus esforços, foi ao encontro de Damiana e pediu-lhe que o secundasse na catechese. Accedendo, Damiana foi ao encontro dos seus irmãos selvagens, e por quatro vezes trouxe á aldeia de Mossamedes centenas de indios convertidos.

Em fins de 1829, foram os civilisados ameaçados por uma grande leva de Cayapós, nas proximidades de Cuyabá, leva que resistiu ás duas bandeiras preparadas para atacal-os por terra e pelo rio. O novo presidente da provincia, marechal Miguel Lino de Moraes, recorreu por sua vez a Damiana, que o attendeu de coração, pouco se importando com o sacrificio da sua saúde. A "Missionaria" partiu e, cerca de oito mezes após, voltou vacillante, apoiada aos braços dos seus indios.

A morte, afinal, após essa ultima expedição, levou-a da terra, para deixar-lhe o nome inscripto na historia da Civilisação como o typo da "Mulher Missionaria."

SANTA ISABEL — A RAINHA SANTA

Mulher do rei D. Diniz, filha de D. Pedro III, de Aragão, e de sua mulher Constança de Napoles, nasceu, segundo a tradição, em Saragoça, em 1271, e morreu no castello de Extremoz em 1336. A *rainha santa*, como é conhecida, cerca-se de uma piedosa lenda. Parece que foi em 1281 que se lançaram as bases do contrato matrimonial, por se acharem em Portugal os aragonezes Conrado Lança e Beltran de Villa Franca, que figuram como testemunhas no diploma da doação feita por D. Diniz a S. Isabel, de Obidos, Abrantes, Porto de Moz, por carta de arrhas passada em 24 de Abril de 1281. O casamento celebrou-se, por procuração, em Barcelona (Fevereiro de 1282), partindo depois D. Isabel para Portugal. Foram felizes os primeiros annos do reinado de D. Diniz, occupando-se a rainha com obras meritorias e cuidando da educação de seus filhos. Mais tarde, porém, as discordias entre D. Diniz e seu filho D. Affonso, provocadas pela estima e affeição que seu pae dedicava ao bastardo Affonso Sanches, affligiram cruelmente a alma da rainha. D. Diniz teve varios filhos bastardos, sendo com Affonso Sanches especialmente carinhoso. Como é natural, D. Isabel soffria, mas calava-se. D. Affonso, porém, é que não poude reprimir o seu despeito contra o bastardo e contra seu proprio pae.

Conseguindo a adhesão de varios fidalgos, ousou investir contra o rei, chegando a dar-se uns encontros á mão armada, e a guerra civil teria fatalmente estalado si, no lance, não interviesse como medianeira a rainha santa. Affirmam as chronicas que, estando as forças do rei e do infante proximas do Campo Grande, perto de Lisboa (1323), D. Isabel atravessou, só, os arraiaes de D. Diniz e de Affonso, conseguindo a muito custo evitar a batalha que estava imminente. Estes e outros actos e, sobretudo, o exercicio da caridade teceram a *lenda da rainha santa*, em que a figura da princeza nos apparece com a sua abada de rosas, em que foram transformados os pães que, no regaço, levava para os pobres. Esta lenda é reproducção da que se fez em volta da rainha Isabel da Hungria. Foi só em 1516 que o papa Leão X a beatificou, a pedido de el-rei D. Manoel só para o bispado de Coimbra. Em 1556, Paulo IV concedeu que se estendesse a todo o reino a festividade do dia da esposa de D. Diniz. Reinando Philippe II (1612), foi aberto o tumulo da rainha, achando-se o corpo incorrupto. Por este motivo instaurou-se em Roma o processo da canonisação, que só terminou no reinado seguinte, presidindo á Egreja o papa Urbano VIII. As ceremonias da canonisação celebraram-se a 25 de Maio de 1625. Por morte de D. Diniz (1325), a rainha recolheu-se no mosteiro de Santa Clara de Coimbra, por ella fundado, vestindo o habito clarista. Fundou tambem a rainha os hospitaes de Coimbra, Santarem e Leiria, o mosteiro de religiosas de Cister, em Almoster, e construiu differentes egrejas. Em 1649, como o antigo mosteiro de Santa Clara ameaçasse ruina, mandou D. João IV edificar o mosteiro, que até ha pouco existia, tendo sido recentemente pasto das chammas, na margem esquerda do Mondego, sendo para este novo templo transportado o cadaver da rainha santa (29 de Outubro de 1677, sendo regente D. Pedro II). A ceremonia da trasladação foi majestosissima. O ataúde foi conduzido sobre o hombro dos bispos de Lisboa, Porto, Vizeu, Miranda, Pernambuco e Torga; ao pé do palio iam, revestidos de pontifical, os bispos de Coimbra e de S. Thomé. O corpo da santa foi encerrado num cofre de prata, feito por disposição testamentaria do prelado de Coimbra D. Affonso de Castello Branco.

ESTATUA DA RAINHA SANTA ISABEL

(Sc. de *Teixeira Lopes*)

O que pensa a mulher brasileira da moda e da dansa

Etienne Pavillon, que um dia resolveu dar conselhos ás jovens, publicou para tanto um livro. Dos seus conselhos, porém, ha um, talvez o unico, que mereceu as honras de ser encartado nos lexicos francezes:

«La mode est un tyran dont rien ne nous délivre».

Será falsa a affirmação? Será verdadeira?

Se fosse verdadeira, talvez não valesse a pena a enquête que vimos fazendo, porque as respostas, dada a mesma orientação, peccariam pela monotonia. E, entretanto, o que se dá é o contrario: umas tecem lôas; outras são terriveis catilinarias. Ainda bem! A graça está na variedade, e nesse particular, de accordo com a moda, que nunca se apresentou, como hoje, tão cheia de mutações, de cousas sensatas e exquisitas, mixto de justeza e de rebeldia, e, por isso, tão pouco tyranna — em que pese ao conceito de Pavillon — e tão capaz de ser seguida por todas... e até por mim...

Senhora Diva Dantas — Autora de «Através das almas» (Contos veridicos — no prelo). E' collaboradora da *Revista da Semana* e outros jornaes.

Que penso da moda actual?

Tudo e nada.

Tudo — porque é a synthese dum raciocinio pratico e hygienico.

Isenta de condemnaveis exageros, extraordinariamente elegante e amoldavel ao bom gosto de cada uma.

Sra. Diva Dantas

Nada — porque a acceitei sem analyse detalhada, apenas pelo bem que me soube.

*

Das danças modernas?

Que, como tudo, evoluiram e ficaram de accordo com a vertigem do momento que passa.

Comparo-as ao champagne, que bebido naturalmente, sem exageros — é delicioso. Se os embriagados pudessem observar o seu ridiculo, como os exoticos nas danças a sua falta de esthetica, evitariam reincidir e fariam do champagne como das danças o uso distincto e elegante da gente que se preza.

Diva Dantas.

Senhora Heloysa Bloem Mastrangioli. — Completou o curso de canto no Rio de Janeiro, sob a direcção artistica de d. Candida Kendall. Foi convidada a tomar parte no festival de arte levado a effeito no nosso Theatro Municipal por occasião da visita ao Brasil dos reis da Belgica. Deu vairos concertos no Rio, Santos, São Paulo e interior, sempre com successo.

A respeito de moda e dansas modernas muito tem-se dito e as opiniões, quasi todas, são concordes em condemnal-as nos seus exageros.

Evidentemente os ha e por vezes sérios, quer no vestir, como no dansar.

Assim sendo, não se infere d'ahi que devamos con-

Heloysa Bloem Mastrangioli

demnal-as a um e a outra de maneira rigorosamente irrevogavel.

Ha vestir e ha dançar.

No traje não devemos chegar ao excesso de nudez anti-esthetico, mas tambem não levar o rigorismo a ponto de prejudicar a belleza e a elegancia do vestuario e acompanhar assim, dentro de limites do bom gosto, o evoluir constante da moda.

No tocante á dansa moderna não sou partidaria em absoluto das attitudes exoticas e por vezes simiescas dos que porfiam em salientar na originalidade das poses, e sim da dansa harmoniosa e elegante em seus movimentos rythmados que dão realce e graça ao donaire feminino.

Heloysa Bloem Mastrangioli.

Senhorina Esther Ferreira Vianna — Autora de *Miragens* (poesia), *Contrastes* (poesias), *Romance Extranho* e *Discursos e Conferencias*. E' membro da Sociedade de Geographia, da Commissão de Estudos Americanistas, directora artistica da Liga pelo Progresso e membro do Congresso Internacional de Americanistas.

Começo dizendo que tenho horror a moralistas e moralizadores, por natureza não me importando absolutamente nada com a vida alheia.

Mas, em primeira resposta, da moda não digo mal.

Novidade de momento, marca epocas, estylos, modificações geraes, abrangendo a moral, a educação, esthetica.

Ella actualmente não tem coisa alguma de escandalosa como erradamente julgam; escandalosas porém são algumas pequenas mal educadas ou algumas senhoras esperançosas de uma eterna mocidade, em usal-a *exageradamente*.

A moda decretou o vestido curto, não a *Tanga*.

A moda decretou traços de pintura, não o *Palhaço*.

A moda decretou a manga curta e alguns vestidos justos, não exhibições quasi sempre anti-estheticas e quiçá ascorosas.

As nossas verdadeiras elegantes, mulheres que se sabem vestir, não se deixam arrastar ou confundir com o vulgo que *pretende* ser chic.

O bom senso de cada uma e o olhar de interrogação *não benevolo*, mas consciente, que devemos lançar constantemente ao nosso espelho é o nosso melhor conselheiro, em acceitarmos ou não novos vestuarios e enfeites.

A mim, me parecem que foram hygienistas de grande valor as primeiras mulheres que entre nós puzeram os cabellos abaixo, como os primeiros homens que o mesmo fizeram com os seus bigodes.

Os segundos heroicamente arcaram com a critica social, porque até então, considerado como adorno, constituia-se um sacrificio sacerdotal raspar o bigode.

Muitos achavam que um homem sem elle tinha cara de comico (profissão d'antes não muito louvavel).

As primeiras, porque sendo ainda mais consideradas outr'ora que hoje pelo seu physico que pelo seu moral e intellectual, realisaram um tanto o sacrificio das vaidades femininas.

O seu mais rico ornato!!!

Como muitos ainda dizem e pensam!!!

Mais que os homens ellas correram riscos profundos, por exemplo parecerem doentes da Santa-Casa etc.

Portanto, bravos aos homens e ás senhoras que generalisaram tal moda.

Esther Ferreira Vianna

E passando de modas para danças ainda uma vez digo que a mão que nunca foi tocada, que a cintura que nunca foi cingida havia de despertar e sentir muito mais sensibilidades, mesmo na innocencia de um minuto, que... as nossas pobres melindrosas *jazz-band*.

Creio que para quem assiste é muito mais terrivel a dança actual que para os dançarinos: elles já fazem tudo aquillo machinalmente!

Mas, não dansassem os paes ou seus substitutos nas *cordas bambas* da moral, ainda poderiamos dar geito a nossa mocidade tempestuosa.

A moda é como o "Progresso Femenino" de muito difficil comprehensão e de perigosas interpretações e... attracções, para os que não sabem o que fazem.

Esther Ferreira Vianna

NOTICIAS E COMMENTARIOS

GENSERICO DE VASCONCELLOS

A "Revista da Semana" recebeu com intenso jubilo a noticia da promoção a major do dr. Genserico de Vasconcellos, nosso antigo companheiro de trabalho.

Justissimo que foi, o acto do governo galardôa um dos officiaes mais distinctos, mais cultos e mais dignos do nosso Exercito. Em commissão do governo na Europa, Genserico de Vasconcellos, ex-professor da Escola Naval de Guerra e do Estado Maior, receberá innumeras felicitações pela sua promoção, que foi motivo de supremo conforto para todos os que o conhecem e lhe admiram o caracter inquebrantavel e a cultura vastissima e solida que possue, e que o tornaram um dos mais brilhantes soldados do Brasil, moral e intellectualmente.

A "Revista da Semana" abraça effusivamente a Genserico de Vasconcellos interpretando a muita estima e admiração de todos os seus antigos companheiros, em cada um dos quaes conta um amigo.

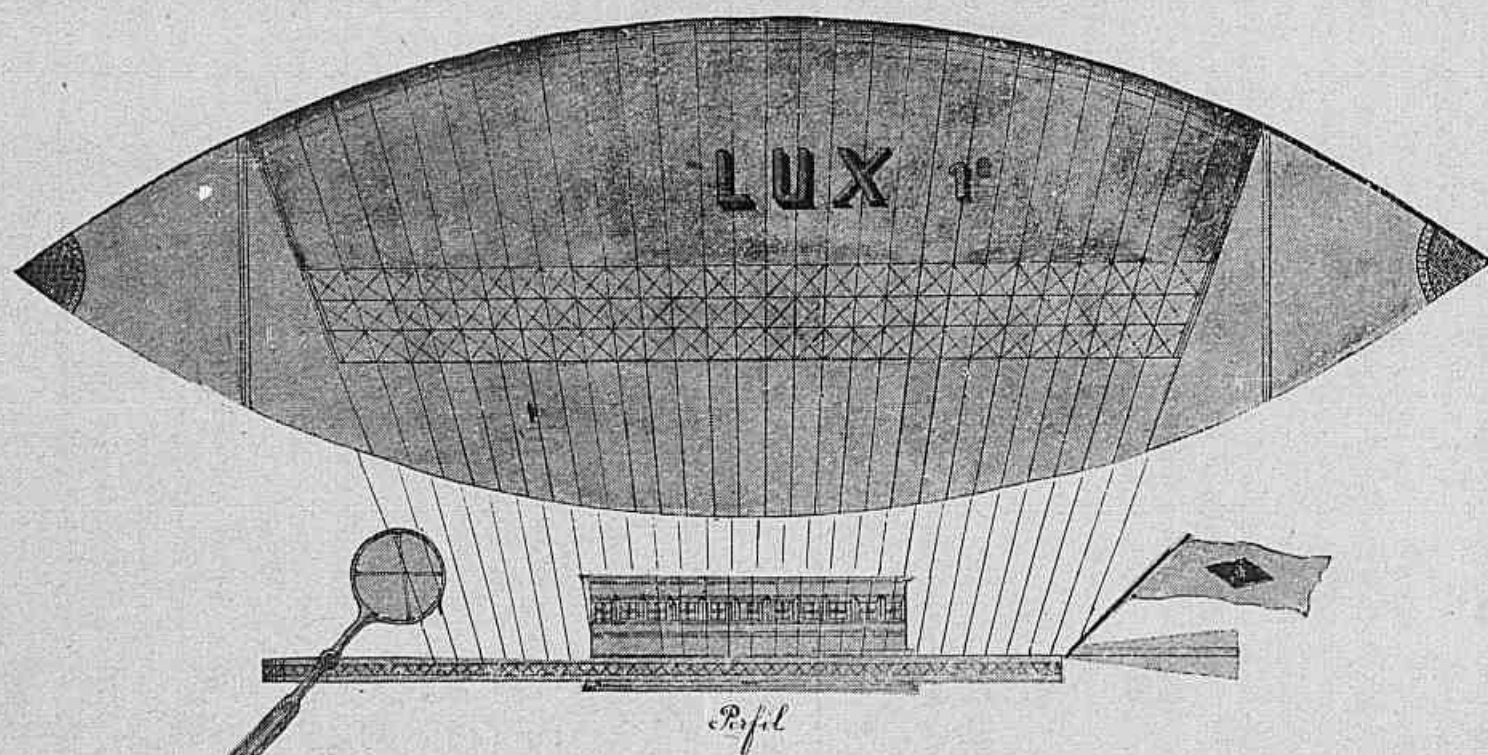
M. NOGUEIRA DA SILVA

O excellente critico de arte que é o sr. M. Nogueira da Silva acaba de publicar mais uma collecção dos trabalhos de apreciação e de propaganda com que infatigavelmente illustra as paginas dos nossos jornaes. Na verdade, a acção do sr. Nogueira tem ido muito além de tudo aquillo que se possa chamar "critica". Com a sua cultura, robustecida já pelo conhecimento dos grandes museus do mundo já pela leitura dos mestres mais gloriosamente autorisados, e com a sua clara intelligencia de observador sem paixões nem preconceitos, está como bem raros habilitado a aconselhar os jovens artistas e chamar para as novas obras de valor a attenção do publico, geralmente distrahido para não dizermos indifferente... O escriptor porém não se restringe a essa funcção apreciativa. E', a par disso, um devotado ao engrandecimento artistico da nossa terra. O seu amor á arte, á nossa arte, frequentemente o leva a rasgos corajosos e a polemicas vehementes. E o enthusiasmo pela obra de belleza, tantas vezes menosprezada em favor do artificialismo e da fancaria, faz com que elle se revolte e se bata com toda a alma, tornando-se assim, mais que um orientador da opinião, um verdadeiro paladino, um lidador do ideal...

Eis o que tão eloquentemente se patenteia nos artigos do sr. Nogueira da Silva para a imprensa e nos seus livros mais ainda se comprova, com a reunião e conjugação das suas tendencias e expressões num bloco definitivo. No presente volume, *Pequenos estudos sobre Arte*, nós o vemos tratar de numerosas individualidades, para a cada uma dar, com a definição dictada pelo seu criterio, uma grande parcella de solidariedade intellectual ou cordial. Assim, elle estuda a vida e a obra do Mestre Valentim, mostrando primeiro a independencia do seu espirito e a nobreza da sua arte, e louvando-o depois, como a um heroe da nossa historia esthetica ou um santo do calendario da nossa arte. Outras analyses, seguidas doutros preitos enthusiasticos, lhe merecem os trabalhos de Gustavo Dall'Ara, Antonio Parreiras, Cesare Zocchi, Helios Seelinger, Antonino Mattos, Pingdomenck Colon, Fedora do Rego Monteiro, Gastão Formenti, Manoel Madruga, Antonio Alice e, em varios artigos sobre successivos Salões de Agosto, todas as figuras de relevo e brilho do movimento artistico brasileiro. Nesses artigos, alguns dos quaes escriptos talvez de momento, sob as exigencias da imprensa diaria, o estylo é sempre apurado e harmonioso. Tratando de arte, o sr. Nogueira da Silva começa por prezar a sua, como deve. E é mais uma razão para que a gente procure lel-o.

Aspecto tirado no Jockey-Club após o banquete offerecido a sir Eustace T. D'Eyncourt, director da casa Armstrong e consultor do almirantado inglez. Vêem-se, além do homenageado, o sr. Parkinson, da casa Armstrong; o sr. Hambloch, addido commercial da embaixada ingleza; commandante Muniz Barreto, representante do sr. ministro da Marinha, e officiaes da Armada.

Os jornalistas foram convidados para uma visita no domingo ultimo ao novo edificio da Camara dos Deputados, cuja inauguração, no proximo dia 6 de Maio, commemorará o centenario das camaras legislativas no Brasil. Dessa visita publicamos a gravura que encima estas linhas, em a qual se vê o illustre sr. dr. Arnolpho Azevedo, presidente da Camara, entre os deputados Baptista Bittencourt e Ranulpho Bocayuva, em companhia de jornalista presentes á visita.

REIVINDICAÇÃO DE UMA GLORIA NACIONAL

Creado o primeiro aerostato pelo padre brasileiro Bartholomeu de Gusmão, um seculo depois era resolvido o problema da navegação aérea por outro patricio nosso, o padre Joaquim Ignacio Ribeiro que, em 1885, conjugou em invento seu o mais leve e o mais pesado que o ar. Cercado pelo escarneo de todos, o padre Ribeiro, servido de grande perseverança, tirou patentes do seu invento, em 1886, no Brasil e, em 1887, no Luxemburgo, Inglaterra, Allemanha, França, Belgica, Austria-Hungria, Hespanha e Turquia. Mas, diante da incredulidade geral e sem recursos pecuniarios, não conseguiu, nem mesmo appellando para o Governo, obter auxilio para uma realidade pratica. Em 1901, porém, o nosso eminente patricio, o grande Santos Dumont, confirmou o que muita gente suppunha ser um devaneio do padre Ribeiro.

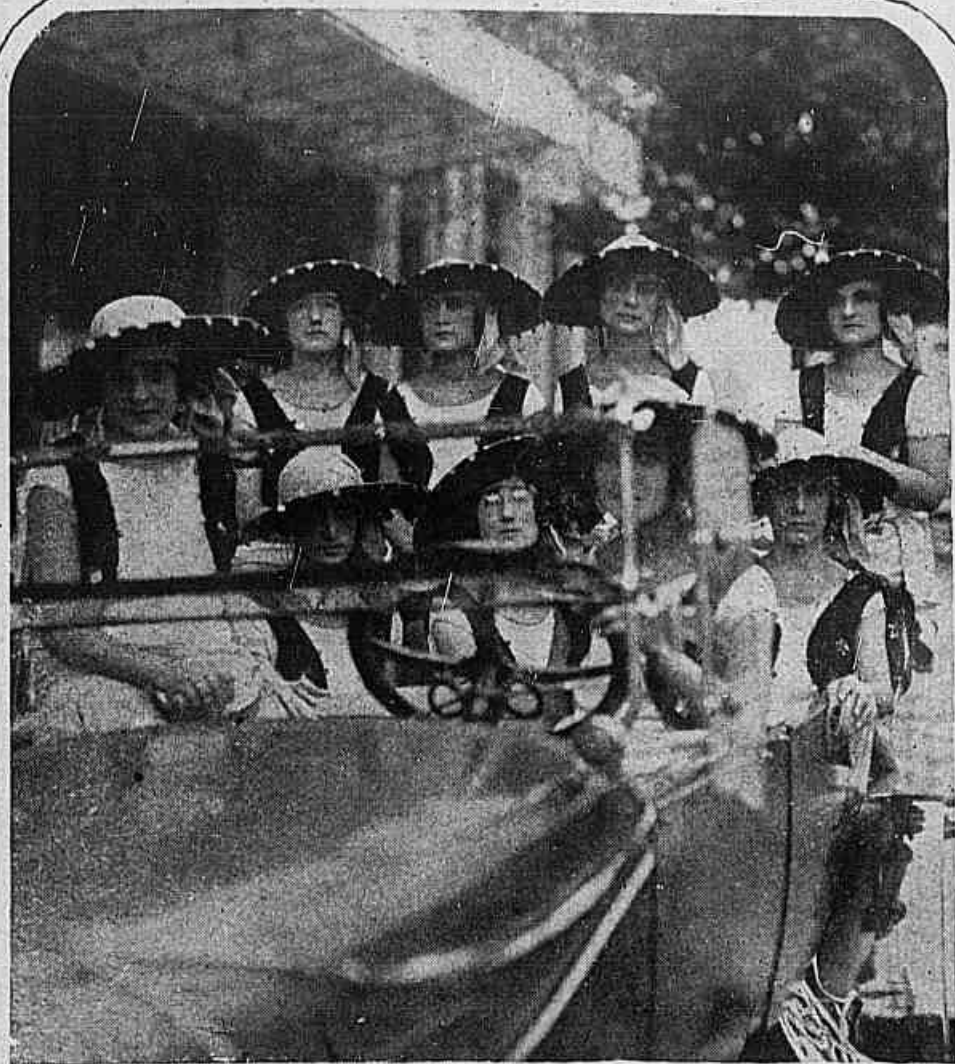
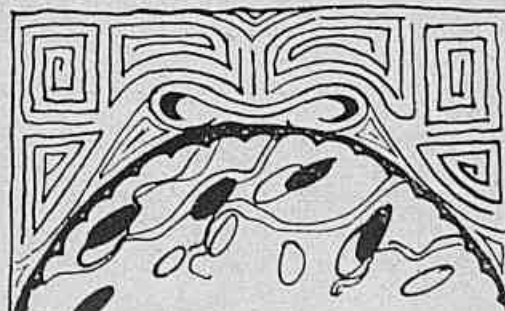
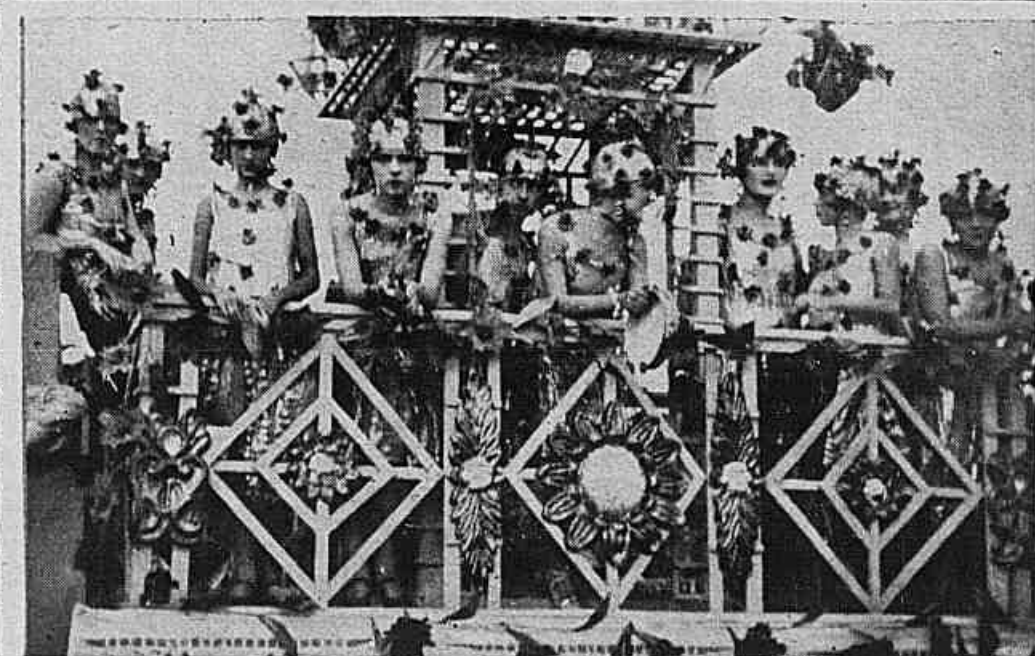
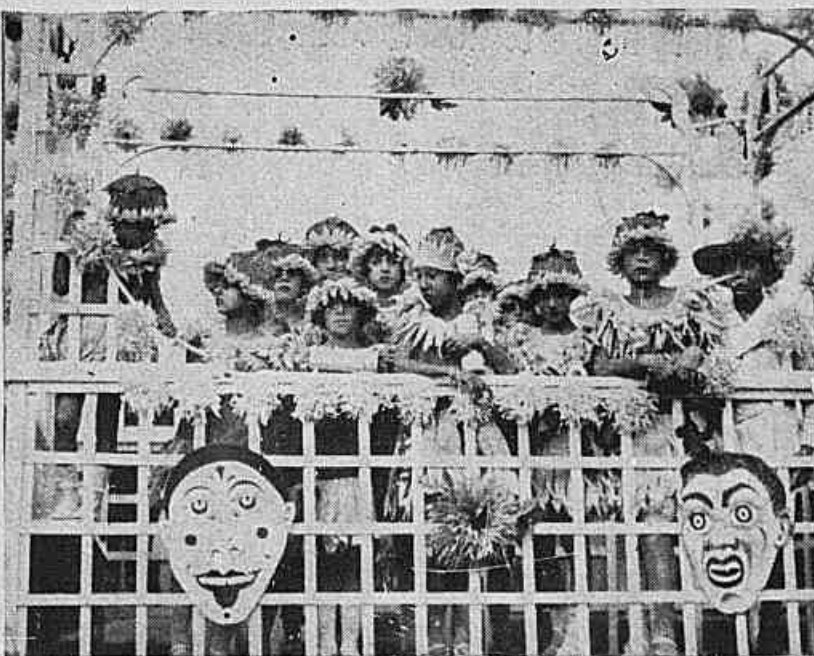
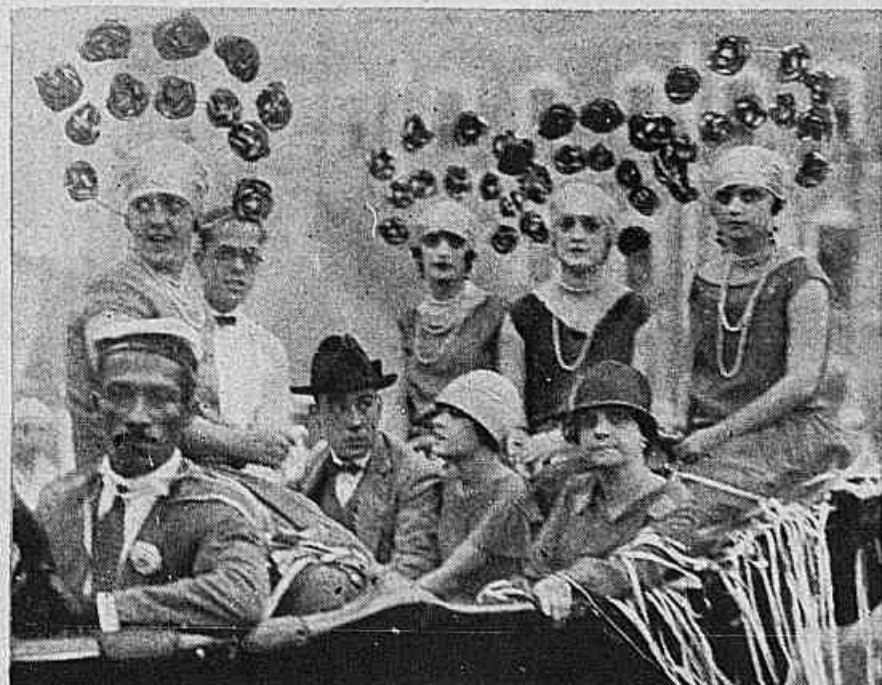
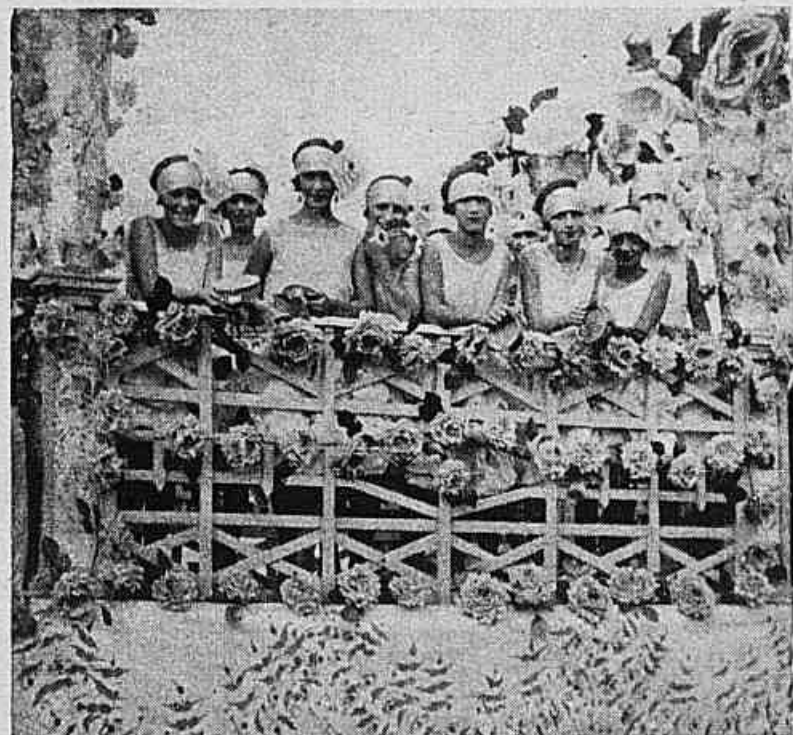
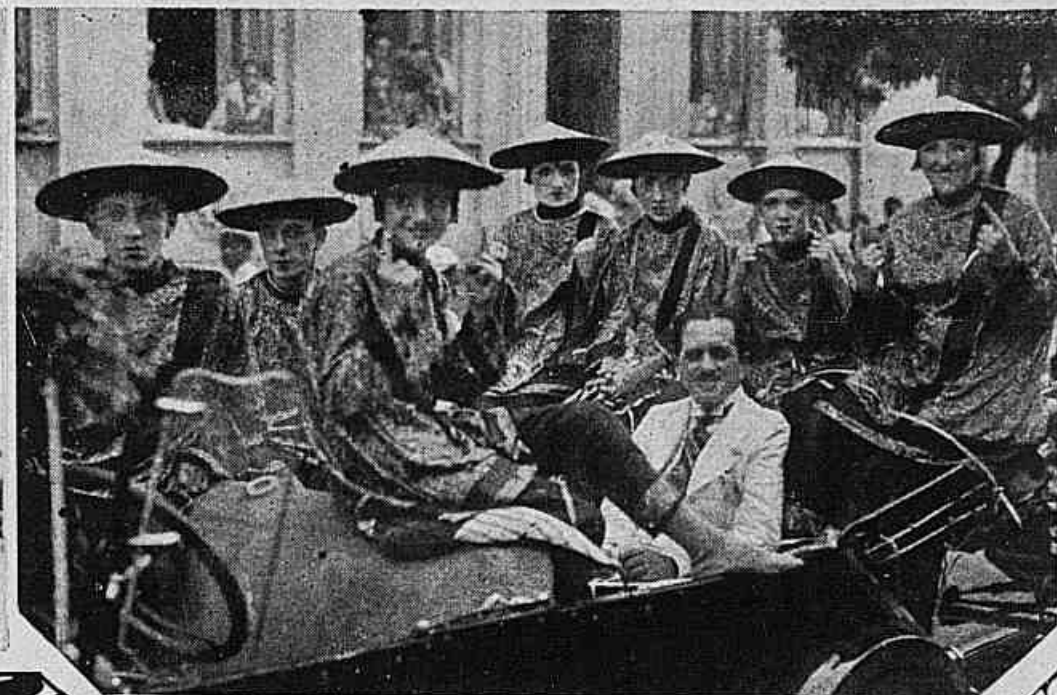
A navegação evoluiu, d'ahi, ao pé em que hoje está, faltando-lhe entretanto a estabilidade completa no espaço.

O apparelho do padre Ribeiro, que se vê de perfil e de face na nossa gravura, resolve esse importantissimo ponto, tendo obtido, da commissão do Estado Maior do Exercito que o examinou, parecer favoravel em 1909.

Por que não se constróe o apparelho do padre Ribeiro? Por que não se corresponde ao appello que S. Em. o Sr. cardeal Arcoverde fez em Abril de 1908?

O Gremio Sylvio Roméro, cuja finalidade é instigar e defender todos os surtos da intelligencia e do espirito nacional, appella para a alma generosa do povo brasileiro a fim de que preste o seu apoio ao grande creador de mais uma gloria nossa, reivindicando para o Brasil um novo titulo de benemerencia perante o orbe com a solução definitiva da navegação aérea que aqui primeiro se ideou e que aqui tem de ser completamente rematada.

Pede, pois, o Gremio Academico Sylvio Roméro aos orgãos do poder publico, á Imprensa, á mocidade estudiosa, ao funccionalismo, ás associações scientificas, literarias e artisticas, ás aggremiações operarias e sportivas, ao commercio, á lavoura e á industria, a todos os cidadãos emfim desta maravilhosa patria que se interessam pelo aperfeiçoamento humano que concorram com o seu óbolo para a realização deste grande ideal.

Os donativos podem ser enviados a esta redacção, que apoia incondicionalmente a idéa e que opportunamente lhes dará o competente destino.

Aspectos interessantes do carnaval de rua na Bahia, onde se exhibiram neste anno, com o brilho costumeiro, as mais variadas phantasias, apresentadas em carros de gosto requintado, finamente ornamentados.
As gravuras desta pagina dizem francamente que não é só o carioca o carnavalesco incorrigivel... Os bahianos têm tambem o culto ardente de Momo, o deus supremo dos brasileiros.

NUMA linda tarde de Dezembro, dessas em que ha no céu uma orgia de côres raras, e em que no poente o Sol mergulha, numa magnificencia de ouro e purpura, os ultimos raios incandescentes, foi que Dulce, uma graciosa pequenita de nove annos, dando expansão ao genio impulsivo e meigo com que a dotára a Natureza, praticou na vida o primeiro acto caridoso, dictado apenas pelo coração e que patenteou claramente a bondade do delicado e sensivel caracter femenino, ainda em embryão na alma dessa criança loura e risonha.

Até então, a vigilancia severa da preceptora ingleza contivera-lhe os impetos travessos, as manifestações espontaneas dos sentimentos varios que, indecisa e confusamente, lhe tumultuavam, por vezes, o curso innocente e feliz dos seus dias.

A' vista, porém, das gargalhadas gostosas que uns garotos vadios soltavam, troçando daquelle rapazito sujo e esfarrapado, que tropeçára, partindo na quéda as garrafas de leite que trazia e ferindo a fronte, o coração da menina revoltou-se.

Esquecendo-se dos ralhos de Miss Stephen, ella atravessou correndo a rua, deixando perplexa e indignada a ingleza que nada vira e extranhava aquelle procedimento tão contrario ás maneiras distinctas e socegadas da sua "dear child".

Ligeira, Dulce ajudou o pobre leiteirozinho a levantar-se e, tirando da bolsinha o fino lenço rendado, limpou com elle a ferida; depois, emquanto carinhosamente ensinava o remedio que devia ser applicado ao ferimento, atava sobre este o lenço já tinto de sangue.

Entregou em seguida ao seu protegido o dinheiro que a mãi lhe déra para comprar uma boneca ambicionada desde a vespera, que figurava em elegante vitrine duma casa de brinquedos, entre ursos, cachorros, trens, navios, etc. e que, explicou ella, era "para comprar outras garrafas".

Recommendando-lhe que não chorasse mais, afagou com a mãozinha clara o rosto do pequeno e depois afastou-se, antes que este lhe pudesse agradecer tanta bondade.

A preceptora, surpreza e muito contrariada, atravessára finalmente a rua, presenciando assim o fim dessa rapida scena e, agora, ao lado da discipula que seguia calada e receiosa, sentia que era necessario dizer alguma coisa mas não sabia que havia de ser.

A bondade espontanea da menina commovera muito a fleugmatica e impassivel ingleza; porém a ideia do perigo a que ella se expuzera, atravessando a rua sozinha, em risco de ser atropelada, fê-la breve esquecer a primeira impressão sentida. Diante da responsabilidade que assumira, Miss Stephen não mais hesitou:

— Dear child, disse ella, não fazer isso outra vez, não atravessar rua sozinha. E' um perigo, my dear. Mas, com grande admiração de Dulce, não acrescentou mais nada.

. . . .

O acto bondoso de Dulce tivera muitos espectadores, deixando em todos profunda impressão.

Como sempre acontece, quando alguma cousa de anormal se passa, transeuntes e pessôas que por alli se achavam, interrompendo conversas que mantinham ou pensamentos que os preoccupavam, puzeram-se a commentar aquelle episodio tocante pela simplicidade e espontanea bondade que o tinham motivado.

Havia em algumas physionomias um risonho ar de aprovação, noutras um sorriso enternecido e em alguns olhos, mais sensiveis, o brilho humido de uma lagrima mal retida.

O grupo de garotos que riam, e cuja attitude revoltára como uma affronta o coração da menina e a impellira a soccorrer o leiteirozinho, dispersou-se em breve.

Naquelles rostos infantis, onde havia traços de miseria, lia-se claramente o arrependimento e a vergonha que o remorso de uma má acção traz por força. De todos os presentes, porém, Carlos, assim se chamava o leiteirozinho, era quem estava mais commovido.

Na sua alma de criança infeliz e desamparada, o que acabava de acontecer produzira um abalo forte e estranho, e se a timidez não lhe tolhesse os movimentos correria até alcançar aquella menina tão bonita, tão bôa, para agradecer, da melhor maneira que soubesse, tudo quanto fizera por elle.

Os minutos passavam. Carlos continuava a olhar a silhueta pequena e graciosa de sua protectora, que se afastava cada vez mais, sempre acompanhado pela silhueta quasi gigantesca de Miss Stephen. Numa curva da rua, ambas desappareceram...

. . . .

Já são passados dez annos, desde aquella linda tarde de Dezembro em que havia no céu uma orgia de côres raras e em que no poente o Sol mergulhava, n'uma magnificencia de ouro e purpura, os ultimos raios incandescentes.

Dulce, a loura e gentil menina de então, é hoje uma linda e interessante moça de dezenove annos.

A meiguice e a bondade do seu caracter accentuaram-se com o correr dos annos; ella é hoje um anjo de carinho para os que soffrem e a alegria de seus pais. Miss Stephen ainda está a seu lado, não como preceptora mas como dama de companhia.

A velha ingleza sente-se orgulhosa da sua ex-discipula e dedica-lhe uma affeição sincera que, aliás, é igualmente retribuida.

Dez annos! Durante todo esse tempo Carlos pensou sempre na criança loura que bondosamente o soccorrera. Muitas e muitas vezes permanecera junto do gradil da casa de Dulce, escondido pela folhagem, a espreitar os folguedos d'ella com Miss Stephen e um grande cão Terra-Nova, o Sultão, como um dia ouviu que ella o chamára.

Chegára ás vezes a invejar Sultão! tal era o desejo que tinha de manifestar o profundo reconhecimento que sentia.

Na simplicidade de sua alma de rustico, concluira mais de uma vez: Si ao menos pudesse divertil-a para lhe mostrar assim que lhe sou grato!

A essa menina devia a unica alegria de sua vida desde que perdera a mãi!

Fôra ella a unica creatura que animara com um gesto de carinho, com a meiguice de suaves palavras de consolação, a melancholia e isolamento daquelle coração de orphão, sem familia e sem amigos.

Como um alegre raio de sol primaveril, surgira e brilhára na sua monotona e triste existencia de desherdado da fortuna e mendigo de affectos!

Desde aquêlla tarde inolvidavel em que a encontrára, só tinha um desejo; provar-lhe a sua gratidão.

Carlos guardava como uma reliquia preciosa o lenço que ella lhe atára á cabeça; fôra por esse pedaço de cambria enfeitado de rendas que conseguira descobrir o nome de sua protectora. Num dos cantos do lenço estava bordada a palavra "Dulce" e, impossibilitado de agradecer pessoalmente á que usava esse nome, cobrira-o muitas vezes de beijos.

. . . .

A noite estava serena. Na abobada negra do céu, as estrellas faiscavam e uma branda viração balouçava a ramaria das arvores.

O silencio era interrompido de longe em longe pelo latido queixoso de um cão ou pelo deslisar celere de um automovel no asphalto da rua.

Subito ouviu-se um grito de dor e desespero. Fogo! Fogo!

Pouco depois os automoveis do Corpo de Bombeiros chegaram acordando, com o badalar insistente de suas sinetas, a visinhança que acóde assustada ás janellas. Diante de um lindo predio, residencia de uma familia respeitada e querida por todos, a faina dos bombeiros começa e a falta d'agua, verificada logo, difficulta muito o ataque ás chammas que crescem em violencia de momento a momento.

Grande é já o numero de curiosos. Felizmente, passados os primeiros instantes de angustia, a agua jorra com força. Isto enche todos de coragem.

Os bombeiros já retiraram do interior da casa, que apresenta o impressionante aspecto de um brazeiro, varias pessôas que recebem os cuidados medicos de uma ambulancia que acaba de chegar.

A' multidão que se comprime a pequena distancia na ancia de vêr, junta-se um homem que immediatamente se dirige a correr para o predio incendiado e apezar da prohibição formal dos bombeiros que procuram obrigal-o a retroceder, dizendo que não ha mais ninguem lá dentro, elle consegue desvencilhar-se dos braços que o retêm e penetrar naquelle mar de chammas.

Passam-se momentos de terrivel espectativa e eil-o que surge trazendo nos braços um fardo que pouco depois depõe cuidadosamente junto da ambulancia. Retirado o casaco que cobria o rosto da pessôa salva e que não era outra sinão Dulce, verificaram que esta estava apenas desmaiada e pressurosamente cuidaram de fazel-a tornar a si.

A moça, assim que recuperou os sentidos, lançou-se chorando nos braços de sua mãi, que como louca a procurava com desespero e angustia, desde o começo do incendio, clamando insistentemente por entre lagrimas e soluços: Dulce, minha filhinha, onde estavas?

Seu pai e Miss Stephen, os quaes tambem muito afflictos haviam procurado encontral-a, passados os primeiros momentos de jubilo intenso e ardentes expansões de regosijo, tentavam, mas em vão, achar o homem que tão corajosamente, arriscando a propria vida, tinha salvado Dulce.

Ninguem sabia dizer que direção elle tomára, tão interessados e curiosos tinham ficado todos pela vida da moça, a ponto de esquecerem aquelle que a salvára e que aproveitára essa circumstancia para se retirar.

Sabiam apenas que era um rapaz sympathico. Du-

A PAIXÃO DE JESUS CHRISTO NA PINTURA

A COROAÇÃO DE ESPINHOS
(Quadro de *Titien* — Museu do Louvre).

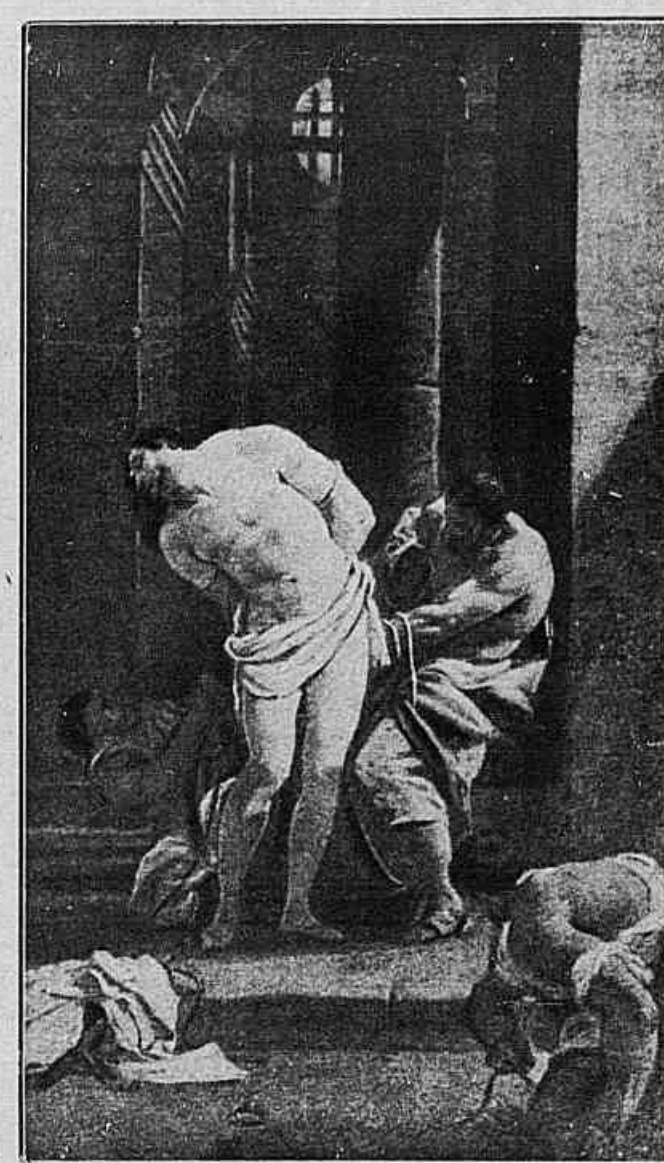
Jesus Christo, cuja vida imprimiu ao espirito humano uma nova directriz moral, creando a religião do Bem, foi o inspirador dos maiores artistas do pincel. São sem conta os quadros que lhe traduzem a paixão, em todas as suas phases, a morte e a resurreição.

A DESCIDA DA CRUZ
(Quadro de *Rubens* —Museu de Antuerpia).

O BEIJO DE JUDAS
(Quadro de *Van Dick* — Museu do Prado).

Das innumeras telas, muitas tiveram fulgor bastante para immortalizar os autores, e talvez, se acaso tivessemos essa velleidade, não nos fosse possivel uma relação completa, ou quasi, dos artistas do pincel que, com os da esculptura, se occuparam da vida de Nosso Senhor Jesus Christo.

Raphael, Ticiano, Van Dyck, Hans Holbein, Rubens, Lesueur, Veronese, Dietrich, Salvator Rosa, Van der Weyden, Carrache e tantos outros, em tantas epocas differentes, deram ás suas telas as mais maravilhosas expressões, evocando as phases da vida radiosa e pura, humilde e exemplar de Jesus Christo.

A "Revista da Semana", sem tentar fazer uma escolha das obras primas — que lhe seria tarefa impossivel — offerece aos seus leitores, no termino da Semana Santa, cinco gravuras de quadros notaveis sobre a vida de Jesus Christo.

O CHRISTO DA COLUMNA
(Quadro de *Lesueur* —Museu do Louvre).

JESUS CÁE SOB O PESO DA CRUZ
(Quadro de *Raphael* — Museu do Prado).

---

rou ainda uma hora a actividade dos bombeiros, finda a qual o rico e bonito predio estava reduzido a ruinas ennegrecidas pelas chammas, que já eram inteiramente dominadas pela agua que das mangueiras jorrava incessantemente.

. . . .

No dia seguinte e só á tarde é que Dulce se acalmou. O abalo soffrido com o incendio deixou-a muito nervosa; só depois de muito instada consentira em repousar. O somno então foi longo, profundo e reparador. Ao despertar, notou junto á cama sobre uma cadeira um casaco de homem; lembrou-se então de que, ao aceitar juntamente com os pais e a dama de companhia a hospedagem gentil do casal Lima, velhos amigos da familia e espectadores do incendio da vespera, trazia sobre os hombros como agasalho esse mesmo casaco.

Tomou-o pois, e começou a examinal-o.

A casemira de que elle era feito estava bastante surrada e muito lustrosa pelo uso nas mangas, na altura do cotovello. Apresentava tambem diversos furos, á vista dos quaes Dulce comprehendeu que esse casaco pertencia ao homem que a salvára.

Na esperança de encontrar algum papel ou objecto que lhe permitisse descobrir o nome ou endereço desse desconhecido, a quem devia a vida e desejava manifestar o seu reconhecimento, começou a revolver febrilmente os bolsos.

Encontrou num delles um embrulhozinho de papel de seda azul. Curiosa abriu-o.

Um lenço de cambraia branca, enfeitado de rendas, com a palavra "Dulce" bordada num dos cantos, foi o que achou. A descoberta causou-lhe immensa admiração.

Esse lenço era seu. Como viera elle parar no bolso desse casaco?

De repente a luz se fez em seu cerebro e ella tudo comprehendeu. A scena occorrida dez annos antes com o leiteirozinho tudo esclarecera.

Dulce commovida levou aos olhos o lenço que acabava de achar e enxugou as lagrimas que corriam silenciosamente.

Coordenando o que lhe tinham contado a respeito do salvamento, chegou á conclusão de que o seu protegido de outr'ora quizera ao salval-a testemunhar lhe a gratidão que lhe tinha pelo occorrido naquella já tão longinqua tarde de Dezembro.

Si elle tivesse dito aos que lhe queriam impedir a passagem, pensava ella, que no interior da casa incendiada havia ainda uma pessoa, tel-o-iam certamente obrigado a ficar do lado de fóra e eu teria sido salva por um dos bombeiros. Como elle soube agradecer!

Fazendo essas reflexões tão justas, veio-lhe á mente a recordação dos minutos angustiosos que passára cercada pelo fogo, antes de desmaiar.

Recorda-se nitidamente de ter ouvido a voz de um homem, um bombeiro gritar: "Ha mais alguem ahi?"

Quiz responder, a voz faltou-lhe; correr, não conseguio dar um passo; e quando deu por si novamente estava longe d'aquella fornalha horrivel, nos braços de sua mãi.

. . . .

Só á hora do jantar é que Dulce resolveu communicar aos demais a descoberta que fizera.

O sr. e a senhora Oliveira diante da prova irrefutavel que a filha lhes apresentára — o lenço encontrado — ficaram muito commovidos.

O casal Lima affirmava que o procedimento desse homem era verdadeiramente raro e enternecedor, e Miss Stephen sorria, murmurando «poor boy, so good, so grateful".

Todos lastimavam, e Dulce mais que ninguem, ignorar o nome e residencia desse homem. Estavam privados de manifestar a profunda gratidão que lhes ia n'alma, o que os contrariava e entristecia immenso.

A essa mesma hora, não muito distante d'ali, Carlos de regresso do trabalho sentava-se junto da janella do seu quarto e, contemplando o céo onde as estrellas se multiplicavam á proporção que escurecia, sorria satisfeito á lembrança de ter podido provar a sua gratidão, mas deplorava ao mesmo tempo a perda do lenço que por esquecimento deixára ficar no casaco. Sentia comtudo que, embora já não possuisse essa pequena e querida reliquia e já tivesse dito, não por palavras mas por actos, "obrigado" a sua protectora, a imagem desta jamais se apagaria da sua memoria, nem tão pouco se esvaneceria da lembrança aquella linda tarde de Dezembro em que havia no céu uma orgia de côres raras e em que no poente o sol mergulhava, numa magnificencia de ouro e purpura, os ultimos raios incandescentes.

PHENIX

(Do concurso de Contos da *Revista da Semana*. Illustrações de M. Constantino).

Krishnamurti — de Rachel Prado

NÃO só entre os theosophos mas no mundo leigo está despertando um vivo interesse a vinda de um "Mestre" que será o Instructor da Humanidade neste novo cyclo que se inicia com a apparição da sub-raça ariana, cujo typo os ethnologos americanos já communicaram ao "American Bureau of Ethnology" como sendo differente dos que existem até agora.

A descripção das feições, o feitio da cabeça e da face demonstram quão differente é das raças actuaes, tanto quanto a teutonica é da celtica. Ha muitos annos que revistas e jornaes de todo o mundo annunciam esse advento e quem se preoccupa com a evolução do espirito humano tem observado que os sacerdotes das differentes religiões se referem nos seus sermões aos ensinamentos que a Sociedade Theosophica tem propagado.

A's vezes alludem com pessimismo ou ironia; de outras, curvam-se ante a evidencia scientifica de taes asserções, e então só se limitam a relatar, despertando assim a curiosidade de seus adeptos. Ultimamente o interesse tem crescido tanto que os jornaes se occupam diariamente desse palpitante acontecimento e ha uma verdadeira espectativa nas multidões.

Homens de grande prestigio e solida cultura proclamam a sua convicção.

Cabe, porém, aos theosophos ou aos estudantes de Theosophia, semeadores desses ensinamentos, explicar em que se baseiam.

Os luminares da Theosophia, figuras do mais alto valôr, como a sra. Besant e o sr. Leadbether, não carregariam aos hombros o manto do ridiculo se não tivessem plena certeza do que asseveram.

Darei a palavra á sra. Besant, como unica capaz de justificar, com o valor dos seus transcendentaes conhecimentos, os motivos exactos pelos quaes a "Sociedade Theosophica" espera um grande Instructor do Mundo, que terá como instrumento da sua manifestação entre os sêres humanos o sr. Krishnamurti, joven hindú, cuja bondade, pureza e clarividencia são assás conhecidas do mundo theosophico.

«Já durante o ultimo seculo n'alguns paizes da Christandade se falou muito da (assim chamada) "segunda vinda do Christo" e, embóra ridicularisada e sómente acceita por poucos, a idéa teve uma consideravel diffusão.

Era apresentada segundo conceitos tradicionaes em absoluto desaccôrdo com qualquer idéa scientifica a respeito do desenvolvimento dos successos mundiaes, pois se dizia que essa vinda traria o fim do mundo, e Aquelle que veiu da primeira vez para redimil-o voltaria para julgar os homens; muitos acreditavam estar verdadeiramente proximo o tempo em que se tinha de cumprir a prophecia.

A seita dos Irvingistas sustentava a ideia da segunda vinda do Christo: mesmo hoje varias corporações espalhadas nas Igrejas affirmam tal crença e muitos estão persuadidos de que *Christo voltará para pôr fim ao mundo*.

Si o "Novo Testamento", citado profusamente em apoio a tal crença, fôr lido no original grego, ver-se-á que não se refere ao fim do mundo mas sim ao termino de uma edade, de um cyclo, de um periodo.

A sra. Annie Besant em 1885.

A ideia de que o mundo tenha passado e deva passar ainda através de épocas ou cyclos successivos, ideia ha longo tempo espalhada no Oriente entre os Induistas e os Buddhistas e diffundida tambem entre os Gregos e Romanos, é encontrada egualmente no Novo Testamento, como muitos sabios têm demonstrado, ligada á volta do Christo. Com o diffundir-se das tradições do Novo Testamento, o original grego foi sendo descurado; a ideia do fim do mundo se espalhou na Christandade, mas nos nossos dias tem poucos adherentes e está muito em discordancia com as theorias modernas a respeito dos processos evolutivos do universo.

Desde alguns annos, porém, um novo conceito a respeito das relações que existem entre os grandes Instructores e o nosso mundo tem principiado a espalhar-se entre aquelles que estão á testa das correntes do pensamento moderno, e é precisamente o conceito apresentado pela

KRISHNAMURTI

Sociedade Theosophica, o qual, na sua amplitude, abrange tambem a ideia christã do Christo, como um Grande Mestre, Fundador da Religião.

Na concepção theosophica, a vinda dos Instructores do Mundo é um facto normal, um advento que se verifica sob leis bem definidas, não como uma solução de continuidade, mas como parte do plano divino que se desenvolve na evolução humana, durante a qual os Mestres apparecem em determinados intervallos, acompanhados de signaes e condições peculiares.

Estudando, desde o mais remoto passado, a historia das religiões, os theosophos demonstraram como cada uma dellas tem por fundador um desses grandes Mestres; como, á proporção que uma civilização e uma religião começam a decahir por não corresponderem mais ás transformadas condições do ambiente, uma outra civilização e outra religião surgem para substituir as antigas e, como sempre, no inicio de uma nova era de civilização e religião, apparece um desses grandes Sêres.

Cada um desses grandes cyclos recorrentes marca um passo avante na evolução da humanidade; cada um representa o desenvolvimento de um dos principios da natureza humana; cada religião traz alguma caracteristica que faltava, ou foi menos pronunciada nas religiões precedentes. Formou-se, assim, pouco a pouco, a respeito do succeder das civilizações e das religiões, um conceito que se póde laconicamente delinear do seguinte modo: — "a humanidade tem de aprender muitas lições e desenvolver muitas e differentes qualidades; estas lições e estas qualidades são ensinadas e cultivadas por determinadas religiões, proprias para accentuar certos ensinamentos, os quaes postos em pratica caracterisam as differentes civilizações; e assim a humanidade, aprendendo gradativamente varias lições e desenvolvendo diversas qualidades, tem avançado e avançará no caminho do progresso".

Reportemo-nos, de facto, ao passado, sem ir além do principio da grande raça ariana, da qual nós somos a progenie.

Naquelle tronco primitivo da nossa raça, achamos o Induismo, com o seu grande Mestre e o seu Grande Governador, e notamos predominarem nelle certas ideias que são como que o seu tributo á grande religião universal, isto é "a immanencia de Deus, que traz comsigo a ideia do dever e o reconhecimento da unidade dos homens".

Estes ensinamentos emergem e dominam de tal maneira no Induismo que até o conhecido missionario christão dr. Millar, depois de muitos annos de trabalho e de estudo na India, declarou que, na verdade, o Induismo deu ao mundo duas grandes doutrinas: "a da immanencia de Deus e a da solidariedade humana".

O Grande Instructor immediato pertence á segunda grande emigração da terra mãe ariana, e a sua obra se desenvolveu no Egypto. E' conhecido sob o nome de Tot ou Hermes, e o caracter predominante de seu ensinamento foi a Sciencia: "a investigação dos segredos da natureza e o dominio de suas forças".

A contribuição da religião egypcia para a evolução do mundo foi, pois, a de ter feito apreciar o valor do conhecimento do mundo physico.

Passando á terceira e grande emigração que povoou a Persia, achamos Zoroastro, ao qual se deve uma civilisação cuja nota fundamental é a Pureza.

O «Mestre» e o Discipulo, envoltos na mesma aura sob a irradiação da «Estrella».

A cruz «Swatica» symbolisa a evolução da Humanidade. O «Lotus» o anceio para a espiritualidade.

Em baixo, mãos anciosas, entre espinhos, pedem a graça do «Senhor do Amor» que virá salvar o Mundo.

"Pureza de pensamento, pureza de palavras e de acção", tal é a phrase que o zoroastriano repete todas as manhãs; esta continua busca da pureza é a principal caracteristica da religião de Zoroastro.

Na Grecia, vemos apparecer, como Mestre, Orpheu; Belleza é a nota dominante na civilização e na religião gregas, e foi adorando e procurando a Belleza que a Grecia tão grande se tornou. Em Roma surge e impera uma outra ideia — a da Lei — do dever do cidadão para com a communidade.

No Buddhismo domina a ideia do conhecimento directo da Sabedoria e da necessidade de procurar o homem aprender a viver e a comprehender tudo.

No Christianismo, emfim, alicerce da presente civilisação occidental, duas idéas predominam; a do "valor do individuo" e a do "auto-sacrificio".

Nenhuma religião do passado actuou tanto como o Christianismo sobre o immenso valor da individualidade; nenhuma ensina tambem, quer por meio de preceitos como por exemplos magnificos, que, adquirido um poder, deve este ser posto ao serviço dos irmãos e, alcançada a grandeza, deve esta constituir uma razão maior para servir mais.

Assim, a grande contribuição do Christianismo para a historia da Religião é o reconhecimento, por parte do homem, do seu valor individual e a noção de que tanto mais se deve consagrar ao serviço da humanidade quanto mais avançado está, de fórma que a medida do seu poder marca a medida de seu dever.

Considerando todos estes Grandes Mestres e as religiões que elles fundaram, vemos cada uma dellas fazendo resoar a sua nota, no devido logar e com o proprio valor, e que todas juntas formam um grandioso e bem disposto accorde; e o conceito de uma série de Instructores do Mundo parece mais logico e natural do que o da vinda de um só Mestre, uma vez por todas, e a sua volta, depois, como Juiz, para julgar e destruir".

Como vêdes pela exposição succinta e clara de sra. Besant, os theosophos não estão perdidos no mundo da fantasia, como querem os cerebros encerrados no dogmatismo estreito e accommodaticio dos seus crêdos.

O facto é que com a vinda de um grande "Instructor do Mundo" uma nova civilização surgirá, que fará vibrar na raça que renasce a tonica da "Fraternidade".

"Fraternidade" que fará cessar a lucta entre os povos que entre si se degladiam e hostilisam estendendo sobre o mundo immensas caudaes de sangue, de desespero e de dôr.

RACHEL PRADO.

A dictadura na indumentaria nacional

Mustaphá Kemal Pachá, dictador turco, arbitro da moda de seu paiz, inaugurou o primeiro parlamento de Angora ostentando, em logar do *fez*, uma cartola.

A INDUMENTARIA exerce uma influencia positiva sobre a imaginação de um povo e, portanto, sobre os seus costumes. D'ahi o poder-se considerar como indice infallivel do seu estado moral. Cesares, reis e chefes de Estado, quando quizeram tentar alguma cousa quanto á melhoria ethica das gentes por elles governadas, attenderam de preferencia á reforma dos atavios dos cidadãos. Como houve tambem regedores de nações que, sabendo que nada ha mais favoravel ao exercicio da tyrannia do que o fomento da licenciosidade e a corrupção publicas, estimularam, ás vezes com o proprio exemplo, a mais ampla liberdade no adorno e na compostura das pessôas. E', pois, a indumentaria factor muito importante na vida de um paiz. Por isso, não deve causar surpreza a moderna applicação que de uma pratica antiga e constante acabam de realizar os flammantes creadores de republicas. Referimo-nos a Mustaphá-Kemal e a Pangalos, os dictadores do momento na Turquia e Grecia, que acabam de decretar leis desse caracter, dispondo o primeiro sobre a abolição da secular vestimenta osmanhi, que julga incompativel com o pleno florescimento das idéas progressistas, e ordenando o segundo a moralisação das actuaes modas femininas, como cooperadora indispensavel da obra de saneamento nacional.

A levada a effeito por Mustaphá-Kemal na terra de Ottoman não foi menos radical e profunda no que se refere ao vestuario do que nas espheras politica, religiosa e administrativa. Entretanto, essa reforma do traje nacional turco não se realisou facilmente. As resistencias oppostas pelos osmanlis, velhos e jovens, ao banimento do *fez*, do *yashmak*, do *tcharchaf*, da calça bambacho e jaqueta zuava foram, em verdade, enormes. Ao propagar-se pela Turquia a noticia do decreto abolicionista partido de Angora, a commoção assumiu proporções maiores do que ao supprimir-se o Califado. O movimento de protesto, principalmente na Asia Menor, chegou a traduzir-se até em opposição armada. Mas Mustaphá Kemal não é homem que se intimide perante as rebeldias. Assim, dispondo no acto da constituição dos tribunaes militares ambulantes encarregados de castigar com a força aos que não acceitassem a reforma da indumentaria, conseguiu em breve praso os seus fins. Varios cabecilhas do movimento, obstinados no uso do *fez*, soffreram em Stambul a pena ultima e não poucas damas, apegadas ao emprego do typico traje ottomano, pagaram ao fisco multas consideraveis. Como consequencia dessas medidas energicas, a europeização dos turcos, sob o ponto de vista do traje, é já um facto consummado, favorecendo o mesmo governo de Angora a funda transformação com premios em moeda aos que de um modo mais completo a acceitam, havendo notas de merito nos expedientes pessoaes dos funccionarios publicos e subvenção aos centros de ensino que façam propaganda dos usos e costumes occidentaes. Em Smyrna, por exemplo, funcciona ha alguns mezes uma escola de senhorinhas, onde estas recebem uma educação completamente européa, e ao terminarem os seus estudos serão destinadas como professoras a outros logares da Turquia, com a missão de propagaram o typo da nova mulher turca, livre e emancipada.

Taes são as principaes phases por que passou no dito paiz a reforma do traje decretada e imposta *manu militari* por Mustaphá-Kemal, que tornou numa questão de vida ou morte o abandono dos objectos nacionaes, e principalmente o do *fez*.

Mulher turca com o antigo véo chamado *yashmak*, que já foi abolido.

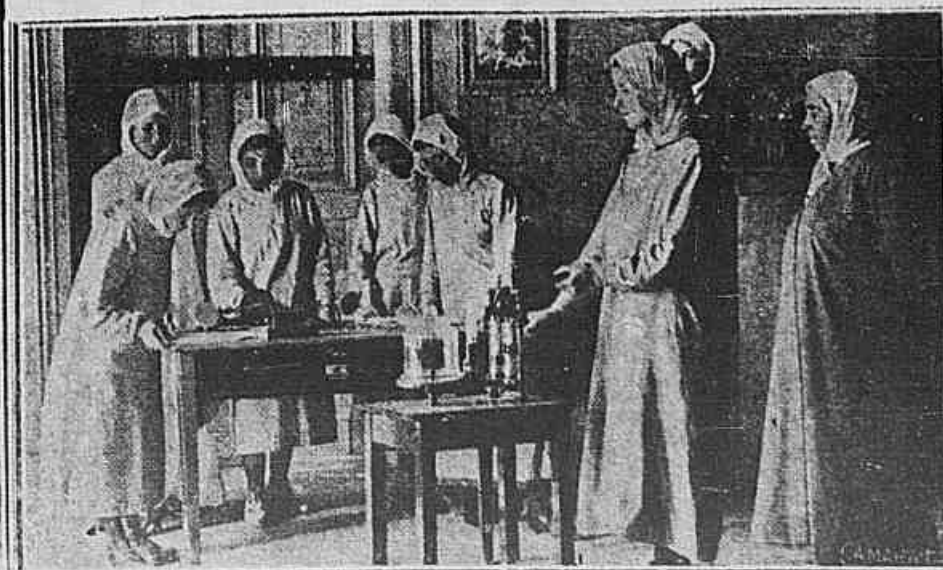
Mustaphá Kemal de chapéo molle. *Ao alto*: Mustaphá Kemal de chapéo duro.

Em verdade, não é o actual dictador turco o primeiro chefe de estado islamita que impõe aos seus subditos a renuncia ao gorro typico vermelho. Precedera-o um anno antes, nessa prohibição, Amenulah Khan, rei do Afghanistan, que foi o primeiro em seu paiz a adoptar o chapéo alto, relegando o *fez* ao museu de curiosidades historicas. As razões em que este soberano fundava a sua resolução devem ter sido as mesmas que inspiraram as de Mustaphá Kemal. Julgava aquelle, e assim o fez saber aos seus ministros e amigos intimos, que na epoca em que vivemos certas fórmas do vestuario e da composição da cabeça, por sua originalidade ou antiguidade excessivas, contribuem, principalmente, para isolar de certo modo os grupos humanos cuja caracteristica vêm sendo ha muitos seculos, com o que perpetúam a sua differenciação dos grupos restantes, determinando isso consequencias pouco favoraveis á fraternidade dos povos. Mas Amenulah Khan não procedeu *ab irato*, como o dictador turco. Pelo contrario, julgando o monarcha afghan que impôr pela força o desapparecimento de velhos costumes é correr o risco de arraigal-os mais fundamente, ao ponto do povo poder attribuir-lhes até virtudes protectoras e significações symbolicas, procedeu amavelmente, pacificamente, dando exemplo pessoal com a abolição do *fez*, exemplo que foi seguido pouco a pouco pela generalidade dos afghans.

A. R.

Um funccionario turco vestido de accordo com os decretos de Mustaphá Kemal; sua esposa, ataviada á moda ottomana, e sua filha com roupas á ingleza.

A officialidade de um regimento turco com o novo uniforme de modelo americano.

Creanças de uma escola primaria de Constantinopla com trajes occidentaes e o gorro typico inglez.

Alumnas de uma escola normal turca antes da reforma de Kemal Pachá.

Alumnas da Escola Reformada de Smyrna em trajes modernos de sport.

NOMES FIGURADOS
NOVA FORNADA, A' VISTA DA AVALANCHE DE PEDIDOS
LÓLÓ
RAUL fecit

A MODA

Os vestidos simples e os manteaux classicos são agora um vestuario que adoptamos não sómente para as villegiaturas mas tambem para a cidade, para as compras e passeios matinaes.

N'esses modelos observa-se antes de tudo o gosto do conforto e da simplicidade: a maior parte ainda se conservam fieis á linha recta e não se renovam senão pelos detalhes do córte e as associações de coloridos.

Nas saias observa-se antes de mais nada a preoccupação de facilitar a marcha e os movimentos rapidos por uma roda dada pelas pregas. Pregas simples, pregas duplas, plissés finos e, o que é mais novidade, pequenas pregas cosidas até uma certa altura e não batidas com ferro — o que dá uma roda interessante.

Todas as especies de pregas estão o mais possivel na moda; ninguem

imaginaria que durariam tanto tempo em moda as pregas, tendo-se já usado e abusado das pregas ha tanto tempo.

Alguns plissados bastante complicados, formando escama, são empregados nos manteaux de seda.

Mas as pregas não passadas a ferro são o *dernier cri de la mode!*

As saias com as costuras enviezadas estão tambem muito em voga.

Tambem continuam na moda as saias plissadas e o sweater. A saia em geral é em crêpe de Chine plissado e o sweater no mesmo tecido, em djersakasha ou em lã tricotada com listas ou com desenhos de tons pallidos. Algumas costureiras debruam o sweater de lã com um viez de crêpe de Chine igual á saia.

Os chapeus, apezar de todos os esforços empregados pelas chapeleiras para conseguirem o uso de abas maiores afim de nos levarem para os chapeus grandes, não mudaram.

A mulher moderna só gosta do chapeu pequeno...

Procurar a razão é bem inutil! E' um facto, e as chapeleiras teem que se sujeitar. Para variar um pouco os seus modelos as modistas preoccupam-se com a guarnição.

A fita debruada com palha é uma interessante novidade, commoda para ser trabalhada, fazendo-se com ella minusculas *ruches*. Com o canhamo tricotado póde-se fazer variedade de chapeus pequenos, leves e praticos, para viagens. A palha-filet, que é cosida com um ponto em relevo, é muito original; e annuncia-se o apparecimento de uma crina achamalotada e o reapparecimento da palha ottoman.

Os crêpes de Chine são muito apreciados, tanto nas casas de costura como nas de chapeus; vê-se muitos chapeus em crêpe de Chine todos guarne-

ULTIMOS MODELOS E FANTASIAS

1—Vestido em crêpe de Chine azul todo bordado com soutache de ouro, túnica do mesmo crêpe de Chine, terminada por uma renda do mesmo tecido. 2—Vestido de crêpe de Chine parme. 3—Vestuario de cidadão francez do anno 1790. Meia de seda beige claro. Casaca em seda roxa. Colete em setim lilaz. 4—Camponez de Dalmacia—Calção bouffant em seda clara, colete em seda de côr viva, larga faixa de tom vivo contrastante, casaco em seda bordado com soutache. 5—Vestuario 1830 em tafetá cinzento perola, com bouquets de flores côr de rosa e azues, forro de renda de filó, fichu de mousseline de seda branca. 6—Cleopatra—Vestido e manto em crêpe georgette verde nilo, bordado de cabochons de esmeraldas sobre tecido de ouro.

A TEZ DO ROSTO SE TRANSFORMA FACILMENTE, CLARA OU MORENA

(Da Revista "Woman Beautiful")

A cutis clara, pallida ou rosada estraga-se facilmente muito cedo, porque é muito fina e delicada, diz Lina Cavalieri, uma das mais famosas bellezas contemporaneas. Ao contrario, a cutis morena é mais espessa e, por isso, tende a apresentar um aspecto gorduroso. Tanto para uma como para outra, o melhor remedio consiste no emprego da cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax") que absorve todos os dias um pouco a pelle gasta da superficie, sem prejudicar em nada a cutis delicada e joven que se encontra por baixo. Como resultado obtem-se collocar em evidencia a nova pelle, com o delicado rosado da primeira juventude, o que equivale a rejuvenescer 10 ou 15 annos de idade. A cêra mercolized, que se pode obter em qualquer pharmacia, applica-se como se fosse cold-cream.

cidos com pespontos em desenhos geometricos; associam-se ás palhas leves, mas com muito poucos enfeites. A pluma e as flôres continuam no ostracismo.

Conselhos Sociaes

PRESENTES DE PASCHOA

Sempre foi habito presentearem-se as creanças e as pessoas amigas na Paschoa. E' tambem uma maneira de retribuir amavelmente as delicadezas recebidas; mas esses presentes não devem ter a mesma importancia que os do Natal e Anno Bom: esses são por assim dizer obrigatorios, e estes facultativos, somente.

O tradicional ovo de Paschoa póde ser tanto em assucar como em chocolate, como tambem representado por objectos de fantasia, affectando mais ou menos o formato de um ovo e que pódem conter tanto um presente modesto como verdadeiros presentes de valor.

Com uma armação de arame coberta por um filó formar-se-ha um ovo todo coberto com violetas, mu guets ou rosinhas, que servirá de estojo para um lenço, um par de luvas, uns botões de punho.

Os ovos mais ricos poderão ser em estojos de ouro, prata ou seda, que conterão desde a minuscula caixinha de pó de arroz com a sua esponjinha para empoar levemente o rosto das faceiras, como esses pequenos ovos poderão conter tambem um par de brincos, um annel ou então uma d'essas pulseiras-relogio tão praticas que nunca sahirão da moda.

Mas com isso não queremos dizer que seja obrigatorio os presentes virem dentro de um ovo. Cada um dará o que quizer ou que accreditar dar mais prazer á pessoa amiga.

Deve-se sobretudo habituar as creanças a terem n'esse dia uma gentileza para com os seus paes, irmãos, mestres e criados, para que ellas não se habituem a só receberem e nunca retribuirem. A creança é naturalmente egoista, habituada a tudo receber dos outros e nada fazer por elles. Mesmo as creanças que são naturalmente generosas, dando com facilidade os seus brinquedos, não se lembram sósinhas de fazer uma gentileza á sua professora ou á sua ama. Por essa razão devemos ensinal-as a festejar estas grandes datas do christianismo, Natal e Paschoa, dando tambem pequenos presentes, fabricados ou não por ellas.

Não estiques os teus pés senão conforme o tamanho dos lençóes.

MODA INFANTIL

1 — Puck — diabinho inglez, em jersey de lã ou de seda marron. 2 — *Clown* — em setim côr rosa com pompons azul saphyra. 3 — Rosinha — corpete formando o calice da rosa em veludo verde, as petalas em tafetá côr de rosa. 4 — A *Noite* — calção em setim azul escuro, as estrellas e a lua em tecido de prata.

A senhorinha Amalia Pinho e o sr. Alcibiades G m:s Vianna, no dia do seu enlace realizado em Nictheroy.

Preceitos de hygiene

A TOILETTE DA CREANÇA

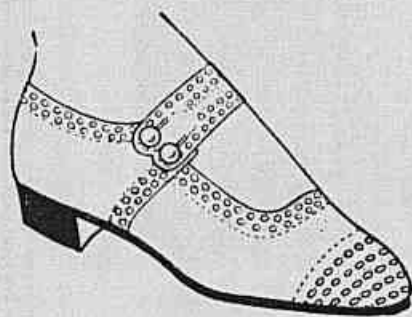
O banho frio, mesmo só com esponja, deve ser proscripto de uma maneira formal no principio da vida da creança. Sómente depois d'ella já ter os ultimos queixaes, quer dizer dois annos pelo menos é que poderá começar os banhos frios. No periodo da dentição deve-se evitar todo o choque á creança por causa das convulsões.

Mas uma observação de muita importancia é a de não aquecer o banho ao acaso. Em hygiene tanto como em medicina, tudo deve ser methodico. A temperatura deve ser tomada com um thermometro e a agua deverá ter 25° a 27° no verão e apenas um pouco mais no inverno.

E sobretudo o que é preciso é ter muita prudencia depois do banho, não levar logo a creança para um logar ventilado ou para o ar livre. A duração do banho deve ser muito curta no inverno e nos dias humidos. E a creança sempre deverá ser muito bem enxugada com um panno bem macio. Deve-se vestir bem depressa a creança. O banho deverá ser sempre dado antes da creança mamar ou pelos menos uma hora e meia depois. Uma precaução indispensavel é evitar que nas rugas formadas pela gordura fique assado ou rache. Empregou-se para isso o pó de amido, as feculas, o pó de lycopodio.

Mas hoje estão postos de parte todos esses pós vegetaes. Ao contacto com a urina, suores ou simples secreções da pelle, os vegetaes fermentam e em seguida tornam-se um elemento de irritação. Substituem esse pós vegetaes o bismutho e o talco, o que é já muito melhor. No entanto mesmo esses pós não devem ser empregados sós. Formam uma massa, ou enrolam-se em bolas e não desempenham o seu papel de protecção.

O ideal é, uma vez o corpinho da creança bem lavadinho e enxuto, untal-o com vaselina pura em todas as suas rugas e em todos os logares que podem ser sujados. A vaselina fórma um verniz sobre a pelle e, graças a esse verniz, os liquidos emittidos ou segregados pela

creança não ferirão nem irritarão a sua pelle. As diversas limpezas obrigatorias do dia se farão com uma esponja e, logo depois, nova camada de vaselina. Mas, se mesmo assim houver irritação, póde se pulverisar um pouco de talco sobre toda a parte vaselinada previamente; essa associação assim feita é excellente.

Com essas simples precauções pode-se evitar á creança numerosas pequenos incommodos, que são para ella soffrimento e para a mãe tormento e cansaço.

Variedades

A MODA DO SUICIDIO NO JAPÃO

Um japonez, quando resente um violento desgosto de amor ou quando perde a fortuna, não vê senão uma solução: o suicidio.

Este genero de morte no Japão é tanto uma moda como o póde ser um novo corte de roupa.

E' um problema grave que se impõe aos missionarios. Tanto assim que no suburbio de Kole os suicidios eram tão frequentes que Mme Yo, que ahi possue uma propriedade onde recebe extrangeiros, foi obrigada a pôr cartazes rogando ás pessoas para não se matarem na via ferrea que margeava sua propriedade nem no lago visinho... mas virem á sua casa. E muita gente, que tinha vindo para essas paragens com intenção de ahi morrer, deante dos cartazes apressavam-se em ir a casa de Mme Yo. Assim ella salvou centenas e centenas de vidas, e consagrou-se á sua missão com uma enorme dedicação.

Uma obra foi fundada, fundos foram-lhe fornecidos e, graças a ella, muitos desesperados tomaram gosto pela vida de novo. Mas nem com isso deixou o suicidio de estar em moda n'aquelle paiz, e os meios de morrer são multiplos. Foram obrigados a seccar um lago porque muita gente n'elle se afogava. Uma propaganda intensa está sendo levada contra esta moda desastrosa.

Póde se pintar a flôr, mas não o seu perfume.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

A GORDURA COMO TEMPERO

A melhor e mais saudavel gordura para temperar os alimentos é a gordura de porco misturada com a da carne de vacca; mas infelizmente aqui não nos é facil obtel-a: os bois que veem para a matança são tão magros em geral que difficilmente terão umas grammas de gordura.

Parece que foram os judeus os primeiros a empregar como tempero a gordura de carne. Sendo os israelitas muito orthodoxos, não comiam carne e leite na mesma refeição. Era uma prescripção hygienico-religiosa datando de Moysés. D'ahi a impossibilidade de empregar a manteiga, que não é senão uma forma do leite, quando se faz uso da carne. Foi portanto preciso estudar a preparação das banhas e os cozinheiros judeus conseguiram preparal-as de tal maneira que não podiam ser comparadas nem ás mais finas manteigas dos nossos dias.

MENU PARA UMA CEIA DE PASCOA

SALADA DE HARENQUE

PASTELÃO DE CARNEIRO

GANSO ASSADO Á INGLEZA

SALADA DE ALFACE E BATATAS

ESPARGOS COM MOLHO DE MOSTARDA

BOLO COULICH

TAMARAS Á ARABE

BONBONS

SHERRY CUP

SALADA DE HARENQUE Á ALLEMÃ

Tirar os filetes de 5 ou 6 harenques salgados, depois de já terem estado de môlho; tirar muito bem todas as espinhas e picar em pedacinhos; cortar tambem em pedacinhos algumas batatas cozidas com a casca, e descascadas; uma maçã crua, um pedaço de vitella assada, fria, algumas beterrabas e alguns pepinos de conserva.

Pôr primeiro n'uma saladeira as batatas, a maçã e a carne de vitella; temperar com sal, azeite e vinagre; juntar um pouco de cebola picadinha, um pouquinho de mostarda, depois a carne dos harenques, os pepinos, beterrabas, assim como um punhado de alcaparras. Ligar a salada com algumas colheradas de *mayonnaise*. Arrumar n'uma travessa com feitio de um morro, alisar bem com a faca, cobrir com uma camada de mayonnaise; depois enfeitar por cima com pedacinhos de salmão fumado, pedacinhos de pepino, alcaparras, cerejas conservadas no vinagre e alguns centros de alface.

PASTELÃO DE CARNEIRO FRIO

Fazer uma massa com 300 grs. de farinha de trigo, 125 grs. de manteiga, uma pitada de sal, uma gemma de ovo e a agua que fôr necessaria.

Pica-se bem um pedaço de carne de carneiro e refoga-se um pouco com temperos e manteiga; põe-se n'uma terrina, junta-se um quarto do seu volume de toucinho lavado, picado em pedacinhos, e igual quantidade de presunto, tambem picado. Tempera-se com rodelas de cebola e um bouquet de cheiros, e rega-se com um pouco de vinho madeira, deixando-se n'esse tempero uma hora pouco mais ou menos.

Depois tomam-se tres quartas partes da massa, abre-se com o rolo, no formato quadrado longo, posa-se sobre um taboleiro, arruma-se no centro da massa o picadinho.

Cobrir depois com o resto de massa e levantar as quatro pontas do quadrado para cima da tampa. Enfeita-se por cima com tiras da propria massa, doura-se com uma gemma de ovo e abre-se no centro um furo para, um quarto de hora depois que sahiu do forno, infiltrar por essa abertura quatro decilitros de môlho com gelatina.

GANSO ASSADO, Á INGLEZA

Põe-se n'uma panella 400 grs. de miolo de pão amollecido no leite, mas espremido; junta-se dois punhados de gordura de rim de vacca ou de vitella, bem picado, sal, pimenta, um pouco de cebola picada, um galhinho de hortelã e salsa bem picada; misturar bem tudo e ligar com duas gemmas de ovo cruas.

Com essa massa, encher a ave; cosel-a, embrulhal-a com uma folha de papel bem untada com manteiga e pôr para assar no forno, regando sempre com manteiga.

ESPARGOS COM MOLHO DE MOSTARDA

Põe-se para cozinhar dois ovos, separa-se bem as gemmas das claras e passa-se as gemmas por uma peneira, misturando depois com uma gemma crua e uma meia colher de mostarda.

Mistura-se bem com uma colher e vae-se juntando azeite aos poucos, não parando de bater até formar um môlho um pouco espesso; tempera-se então com vinagre e sal e serve-se com os espargos.

BOLO COULICH

(Na Russia serve-se esse bolo no dia de Paschoa).

500 grs. de fermento de pão, 750 grs. de farinha de trigo, 650 grs. de manteiga, 150 grs. de assucar, 10 a 12 ovos, 500 a 600 grs. de passas malagas, smyrnas e corinthas sem as grainhas; sal, nata crua, leite morno, uma pitada de açafrão, amendoas inteiras para enfeite e duas colheres de amendoas amargas socadas.

Desfaz-se o fermento n'um alguidar com um pouco de leite; cobre-se e deixa-se crescer n'um logar quente; logo que elle esteja crescido amassal-o com a farinha de trigo, juntando a pouco e pouco; os ovos tambem vão sendo postos um a um. Trabalha-se a massa com as mãos juntando a nata para alisal-a; quando ella já está bem unida, mistura-se então a manteiga derretida; quando a manteiga está bem misturada, juntar ainda um pouco de nata e continuar a amassar; cobrir bem a massa e deixal-a crescer umas seis horas, em logar quente; amassal-a de novo juntando um pouco mais de nata crua, assucar, o açafrão, as amendoas socadas e as passas.

Repartir a massa em diversos pedaços, enrolal-os em bolas, introduzil-as em fôrmas sem fundo, bem untadas com manteiga e arrumadas sobre um taboleiro, apoiadas sobre rodelas de papel espesso e bem amanteigado: as fôrmas devem ter 6 a 8 centimetros de altura e não devem ser enchidas senão a 3 quartos; cobrir de novo e deixar a massa crescer até chegar na altura da borda formando um monticulo; doura-se então com uma gemma e enfeita-se dispondo-se as amendoas partidas ao meio no sentido do comprimento em desenhos geometricos; pôr para assar em forno quente; quando estiverem quasi assadas pôr em cima uma folha de papel.

TAMARAS Á ARABE

Passar por uma pe-

neira, depois de ter tirado o caroço e socado bem n'um pilão, algumas duzias de tamaras.

Pingar na massa algumas gottas de essencia de rosa ou de limão; espalhar a massa no fundo de um prato e cobril-a com uma camada de mingáo de araruta ou de farinha de arroz, cozida com leite, perfumada com laranja ou limão; pôr em cima bala queimada.

SHERRY CUP

Misturar numa vasilha grande um copo de sumo de laranja coado, um copo de assucar, 2 copos de vinho xerez, madeira ou marsala, algumas colheradas de bom cognac e casca de laranja.

Refresca-se a bebida na geleira, podendo-se tambem pôr dentro, na occasião de servir, umas pedrinhas de gelo.

Preceitos de hygiene

COMO COMBATER AS RUGAS

Póde-se regenerar a pelle e remediar os pequenos defeitos dos traços, somente pela respiração.

E' assim que se deve agir para estabelecer o principio da respiração regeneradora: toma-se a respiração longamente e de preferencia pelo nariz; depois applica-se a mão sobre a bocca para fechar a sahida, e pela força da vontade produz-se o movimento da tosse natural.

Este movimento deve-se prolongar com suavidade, tendo o cuidado que, na sua sahida pela bocca, o ar seja constrangido em proporção da força que se quer produzir.

Além d'isso, o impulso deve ser tomado do fundo do peito para fazer subir o ar suavemente e encher toda a cavidade da bocca tocando sobre suas paredes.

O ar empurrado, com uma força prolongada, sobre as paredes buccaes infiltra-se atravez seus tecidos; os fluidos alimenticios circulam até á superficie do rosto e resente-se, logo depois, um d'esses effeitos bemfazejos e regeneradores que constituem a saude.

Está então encontrada a força que póde levantar a pelle do rosto quando ella está enrugada; não resta mais que indicar a

maneira de conduzir esta força, de maneira que elle leve os fluidos naturaes onde a sua acção é necessaria.

Se quizer-se fazer resair, por exemplo, as bochechas, igualmente se empurrará o ar francamente para dentro da bocca, produzindo o movimento da tosse natural como já foi indicado mais acima.

Se quizer-se augmentar o alto das bochechas, empurra-se o para cima; emfim para baixo, quando é sómente esta parte das bochechas que não é bastante saliente.

O mesmo principio deve ser observado para todas as partes do rosto, quer dizer que no momento que a respiração empurra, a mão ou o dedo segura conforme a extensão da parte que deve ficar intacta e deixa-se livre a parte que tem necessidade de resahir.

Depois do emagrecimento, a pelle das bochechas relaxa-se e forma-se de cada lado do rosto, a partir do nariz, até á bocca, uma prega obliqua, que rapidamente produz a ruga naso-labial.

Para combater esta ruga, é preciso, no momento que o ar empurra, que cada uma d'essas rugas sejam apertadas pelo indicador de cada mão. N'esse caso, a mão não podendo applicar-se sobre a bocca terá, para sustentar a impulsão do ar, de apertar os labios; o labio de cima passa por baixo do inferior que, por sua vez, colloca-se sobre o de cima, afim de sustentar e prolongar a força que o empurra.

O indicador apoiado sobre a prega faz esta desapparecer quando a bochecha está cheia de ar.

Esse exercicio feito diariamente e com cuidado faz desapparecer completamente essa ruga. Mas é preciso accrescentar que se faltam os dentes que sustentam a bochecha nada se poderá conseguir se não puzerem dentes postiços n'essas faltas.

Com esse processo de respiração poderão corrigir-se todas as pequenas imperfeições: labios entrados ou muito salientes, bocca torta; mas naturalmente a respiração e a tosse devem ser dirigidas conforme o caso.

E' necessario, bem entendido, para conseguir-se resultado apreciavel, consagrar com uma intelligente perseverança alguns minutos por dia a esses exercicios.

Consultorio Medico

"*Merice*" (S. Paulo) — Um dia antes do vermifugo ficar em regime de leite. Pela manhã uma lavagem intestinal. Int: Extr. ethereo de féto macho, 0,50; Calomelanos 0,50. Para 1 cap. Me. n.° 15. Tome uma de cinco em cinco minutos até n. 12.

Não é preciso purgativo. Ficar no leito no dia do tratamento. Como tonico aconselho injecções de *Pairol*.

Fernanda H... (Recife) — Aconselho injecções de *Sôro lipotrophico feminino* minha formula — e ás refeições dois comprimidos de Hormotone.

Sebastião A. Silva (S. Paulo) — Aconselho exame de sangue (reacção de Wassermann). Tratamento injecções intra-musculares de *Spyrol*, tres vezes por semana.

Albertina Moreira (Propriá) — Tomar 4 a 6 comprimidos de Sistomensine Ciba por dia. Lavagens vaginaes com Solução de permanganato de potassio a 1 por 4.000. Na parte eczematosa limpar a pelle com oleo de amendoas dôces, para não irritar.

Uso externo: — Carbonato de bismutho puro, 2 grs.; Sêbo fresco, 18 grs. Para applicações topicas.

Violeta (Sta. Maria Magdalena) — Aconselho repouso. Regime (lentilhas, espinafres, feijão branco, ovos quentes, carne). Injecções sub-cutaneas de Hemocadyl. Antes das refeições tomar num copo com agua uma ampôlla de Hemostyl.

Applicações locaes de yatren com talco a 1 por 10. Usar o pulverisador vaginal de Lippman.

Arlindo de Souza (Santos) — A fraqueza genital é perfeitamente curavel. Trata-se, na maioria dos casos, de um desvio de funcção da prostata. Aconselho injecções sub-cutaneas diarias da minha formula *Sôro lipotrophico masculino* e ás refeições dois comprimidos de Chlorhydrato de ibogaina Nyrdhall. Massagens da prostata, dia-

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Regina — A *Loção de Embellezar a Pelle* imprime á cutis estragada uma vida nova, vitalisando os musculos flacidos, removendo as rugas e tornando a pelle macia e alva.

Mme. O. C. M. (Pernambuco) — Cada mulher gosta de experimentar as novidades annunciadas que promettem maravilhas. A sua carta cheia de bom humor proporcionou-me momentos de satisfação.
Meus preparados não se destinam a alimentar a vaidade feminina, antes são verdadeiros medicamentos de base scientifica, destinados uns a conservar a saude da pelle, outros a vitalidade do cabello. A sua experiencia reconhece os beneficios colhidos com o uso da *Loção Adstringente, Crême de Massagem* e *Tonico n. 9*.

Mme. Dias — Não poderei responder á sua consulta sem examinar o estado da sua pelle.

Bahiana — Começo por agradecer-lhe as suas palavras amaveis e a sua sympathia. A' pag. 23 do prospecto que lhe posso enviar encontrará indicado o tratamento dos seios. Para escurecer as pestanas terá de recorrer á *Loção de Pestanas* e á rolha queimada. E' o unico processo radical e inoffensivo.

Maria Almeida — Penso que a melhor resposta que posso dar á sua consulta é confessar-lhe que ha muitos annos faço uso da minha *Tintura*. Cada tom fica muito bonito e o cabello conserva as suas ondas e brilho.

Mme. D'Oliveira (Santos) — Porque não experimenta o tratamento pela luz? De todos os agentes da vitalidade conhecidos da sciencia, um dos mais potentes é a luz. As applicações de luz estimulam cada cellula e são os promotores da saude do organismo.

Mme. Bertrand (Bello Horizonte) — Meu *Shampoo-Pó* é um preparado delicado para a lavagem da cabeça. Limpa todas as impurezas do couro cabelludo, cura a caspa e perfuma o cabello. Vende-se em pacotes de mil réis, que dão para duas lavagens.

Mlle. C. S. (Petropolis) — O meu *Tonico n. 9* actúa directamente sobre a raiz do cabello, restaurando-lhe o vigor e o brilho.

Flavia — Deve fazer diariamente a massagem. Bastam tres minutos. A massagem deve fazer-se com *Crême de Massagem*. Todas as rugas desapparecem com um tratamento persistente.

Mlle. Barros — Experimente o meu *Pó de Arroz Hygienico*. E' muito provavel que a irritação da sua pelle provenha do pó de arroz que está usando.

Mme. Camargo — De manhã e á noite, antes de lavar o rosto faça uma massagem com *Crême de Massagem*. Duas ou tres vezes ao dia applique a *Loção dos Cravos* misturando-a em partes eguaes com agua. Conseguirá rapidamente corrigir a dilatação dos poros. Como fixativo do pó de arroz deve continuar a usar a *Loção Adstringente*. Para o emprego das *Pastilhas* da *Saúde dos olhos*, deve banhar-se o globo dos olhos, e não apenas as palpebras.

Magna (Bahia) — Para clarear a sua pelle faça massagens diarias com *Crême de Massagem*, applicações com a *Loção de Embellezar a Pelle*, adoptando-a tambem para fixativo do *Pó de Arroz Hygienico*.

Mme. R. S. C. — Muitas consultas tenho recebido eguaes á sua para um tratamento que restitúa á pelle queimada pelo sol e banhos de mar sua alvura primitiva. Tenho obtido os melhores resultados com o seguinte tratamento: empregar sempre o *Tonico da Pelle* na agua em que lave o rosto, os braços e o collo. A' noite ao deitar-se applique o *Crême de Massagem*.
Duas vezes ao dia humedeça a pelle com a *Loção de Embellezar*, applicando em seguida o *Pó de Arroz Hygienico*.

J. M. (S. Paulo) — Para exterminar os pontos pretos do nariz applique duas vezes ao dia compressas com agua quente misturada em partes eguaes com a *Loção dos Cravos*.
Pelo que respeita a electrolyse sou de opinião que em cada sessão não devem extrahir-se mais de dez cabellos. Geralmente o preço d'este tratamento é de 20$000 por sessão.

Moreninha — Para extrahir radicalmente os pellos só ha o recurso da electrolyse. Para clarear a Pelle veja a resposta dada a Magna. Para corrigir o defeito da pelle dos seus braços applique a *Loção dos Cravos* duas vezes ao dia e logo a seguir a *Loção Adstringente* e o *Pó de Lyrio Branco*.

SELDA POTOCKA.

ESPADA DE DAMOCLES

Quando uma pessôa está com a vida ameaçada, diz-se que ella tem sobre a cabeça uma espada de Damocles. Quasi que se poderia usar desta comparação para os portadores dos vermes denominados oxyuros. Si bem que sejam elles considerados inoffensivas parasitas intestinaes, além do incommodo prurido anal, podem causar serias complicações. Convém, portanto, eliminal-os, afim de evitar as ameaças que representam. Só agora foi descoberto o remedio verdadeiramente especifico contra a oxyurose: são os comprimidos de Butolan Bayer. Este remedio, que é bem acceito pelas crianças, porque não tem gosto, pode ser dado até ás crianças de mezes.

thermia (electricidade medica).

Mme. Antunes (Petropolis) — O tratamento da obesidade obedece a tres principaes indicações: regime, exercicio e tratamento propriamente medicamentoso.
De 15 em 15 dias um purgativo de sulfato de sodio ou de magnesia. Emprego tambem os diureticos. Interno — Theobromina, 0,50; Pó de Scilla, 0,05.
Tomar duas destas capsulas, durante dez dias. A's refeições uma pillula da minha formula sob a base de fucus vesiculosus. Pela manhã um comprimido de Extr. sêcco de glandula thyroide dosado a 10 centigrammas.

Mme. E. C. (Rio) — Só com exame.

DR. VEIGA LIMA.

P. S. — *Toda a correspondencia deve ser dirigida ao* DR. VEIGA LIMA, 5, *Rua Uruguayana, 1.º andar. — Rio de Janeiro. — Tel. 5763 Central.*

Consultorio Odontologico

Delmira Fagundes Varella (Rio Grande do Sul) — Extracção do dente.

Salustiano de Queiroz (Rio Grande do Sul) — Pode retirar da zona congestionada grande parte do sangue por meio de incisões feitas a bisturi.
E' um recurso que, quasi sempre, dá optimos resultados.

Cirurgião Dentista (Minas Geraes) — Deve addicionar ás malvas folhas de aconito e belladona.

Um collega e admirador (Minas Geraes) — Está explicado.
O collega não deve penetrar com o extirpa-nervos e explorar francamente os canaes infeccionados na primeira consulta.
Assim agindo, facilita a penetração no foramen de elementos extranhos.
No primeiro tratamento de dentes infeccionados, devemos agir com muita prudencia, limitando a nossa acção a lavagens com substancias antisepticas da cavidade infeccionada, sem tentar alcançar os canaes.
No 2.º tratamento, então, vamos collocar na cavidade uma pequena bola de algodão embebido em "*Puscure*", *Tricresol-Eugenol-Formaldeide, Liquido de Freuder* ou outro antiseptico usado para esse fim, fechando com gutta-percha.
Assim, evitará o meu distincto collega accidentes de tratamento que vão embaraçar a nossa acção e irritar a paciencia do cliente.

Cirurgião-Dentista Mineiro (Minas Geraes) — Não importa que a cliente seja uma cardiopatha.
Pode fazer o serviço sem susto, procurando evitar que ella sinta dôres muito fortes.
Os nervos podem ser anesthesiados com Neurodon e as extracções com Wolm ou Nosuprin "Merz" desde que o collega não abuse da dóse.

Armando Siqueira Pinto (Minas Geraes) — Está conforme.

Zozimo de Lemos (Rio Grande do Sul) — Pode fazer uso da Sanadentina. Uma applicação, fechando o tratamento a granito.

Feliciano Bernardes da Cunha (Rio Grande do Sul) — Faz muita falta. Deve mandar collocar um trabalho de ponte.

ALEXANDRINO AGRA.

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.º andar. — Telephone 1838 Central. — Rio de Janeiro.*

Mousseline
A travessia da vida, hostil
e agreste, torna-se de uma
infinita e suave doçura, quan-
do, sob os seus passos se es-
tende o rico e sedoso ta-
pete formado pelas insupe-
raveis meias
"Mousseline"
SUPER·EXTRA·FINAS
Mousseline
Extra Finas
MOUSSELINE
INDUSTRIA
BRASILEIRA
INDUSTRIA DE MEIAS·MERCERISAÇÃO E TINTURARIA
D. Schwery
Rua João Antonio de Oliveira, 46-50
MOOCA — SÃO PAULO